

MESTRADO EM TEMAS DA PSICOLOGIA

PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Bem me *queer*, mal me *queer*:
pornografia e educação sexual na
perspetiva de mulheres LGBT

Eleonora Apolo de Azevedo

M

2022





**BEM ME *QUEER*, MAL ME *QUEER*: PORNOGRAFIA E EDUCAÇÃO SEXUAL
NA PERSPECTIVA DE MULHERES LGBT**

Eleonora Apolo de Azevedo

Junho de 2022

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Alexandra Oliveira (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultado do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor

Resumo

As pesquisas desenvolvidas no campo da pornografia costumam documentar efeitos nocivos do consumo em homens cisgênero e heterossexuais. Por outro lado, novas pesquisas indicam a possibilidade de que o uso de pornografia esteja relacionado com aumento da autoestima, empoderamento, autoconhecimento, entre outros, e vêm explorando a experiência de outros consumidores, como é o caso de amostras compostas por mulheres e população LGBT. A partir de uma metodologia qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas a oito mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais residentes no Brasil e em Portugal, este estudo busca explorar o seu consumo de pornografia antes das primeiras relações sexuais com parceiras do mesmo gênero. Os achados indicam que as participantes não consideram que a pornografia seja realista e tenha conteúdos educativos, ainda que elas tenham referido objetivos para o consumo para além da excitação, e algumas delas consideram terem encontrado na pornografia a primeira referência sobre o que é o sexo, sexualidade e posições sexuais. Algumas das entrevistadas referem que o consumo de pornografia deu origem a expectativas sobre sua sexualidade. As entrevistadas com menos acesso à educação sexual foram as que mais assistiram à pornografia. Conclui-se que as pesquisas encontradas trazem dados extremamente relevantes para se pensar na pornografia para além dos seus malefícios, mas não retratam a realidade brasileira ou portuguesa. Destaca-se a necessidade de que sejam conduzidos mais estudos com a população LGBT sobre consumo de pornografia em diversos países.

Palavras-chave: pornografia; educação sexual; mulheres lésbicas; mulheres bissexuais; LGBT.

Abstract

Research on pornography has often documented harmful effects of consumption on cisgender, heterosexual men. On the other hand, new research indicates that pornography use is related to increased self-esteem, empowerment, and self-knowledge, among others, and has been exploring other consumers' experience, such as samples composed of women and the LGBT population. Based on a qualitative methodology, using semi-structured interviews with eight lesbian, bisexual and pansexual women living in Brazil and Portugal, this study seeks to explore their consumption of pornography before their first sexual relations with same-gender partners. The findings indicate that the participants do not consider pornography to be realistic and to have educational content, although they mentioned goals for consumption beyond arousal, and some of them consider having found in pornography their first reference about what sex is, sexuality, and sexual positions. Some of the interviewees mention that the consumption of pornography gave rise to expectations about their sexuality. The interviewees with the fewer access to sexual education were the ones who had watched the most pornography. We conclude that the research found brings extremely relevant data for thinking about pornography beyond its malefic but does not portray the Brazilian or Portuguese reality. We emphasize the need for more studies with the LGBT population on pornography consumption in several countries.

Keywords: pornography; sex education; lesbian women; bisexual women; LGBT.

Résumé

Les recherches développées dans le domaine de la pornographie documentent généralement les effets néfastes de la consommation chez les hommes cisgenres et hétérosexuels. D'autre part, de nouvelles recherches indiquent la possibilité que l'utilisation de la pornographie soit liée à une meilleure estime de soi, à l'autonomisation, à la connaissance de soi, entre autres, et ont exploré l'expérience d'autres consommateurs, comme c'est le cas des échantillons composés de femmes et de la population LGBT. À partir d'une méthodologie qualitative, utilisant des entretiens semi-structurés avec huit femmes lesbiennes, bisexuelles et pansexuelles vivant au Brésil et au Portugal, cette étude cherche à explorer leur consommation de pornographie avant leurs premières relations sexuelles avec des partenaires du même sexe. Les résultats indiquent que les participants ne considèrent pas la pornographie comme réaliste et ayant un contenu éducatif, bien qu'ils aient mentionné des objectifs de consommation allant au-delà de l'excitation, et que certains d'entre eux considèrent avoir trouvé dans la pornographie la première référence sur ce qu'est le sexe, la sexualité et les positions sexuelles. Certaines des personnes interrogées indiquent que la consommation de pornographie a donné lieu à des attentes concernant leur sexualité. Les personnes interrogées ayant le moins accès à l'éducation sexuelle sont celles qui ont regardé le plus de pornographie. Nous concluons que les recherches trouvées apportent des données extrêmement pertinentes pour penser la pornographie au-delà de ses maleficios, mais ne dépeignent pas la réalité brésilienne ou portugaise. Il est souligné la nécessité de mener d'autres études auprès de la population LGBT sur la consommation de pornographie dans plusieurs pays.

Mots clés: pornographie; éducation sexuelle; femmes lesbiennes; femmes bisexuelles; LGBT.

Sumário

<i>Introdução</i>	<i>1</i>
<i>1. Enquadramento teórico</i>	<i>4</i>
<i>1.1. Pornografia tradicional (mainstream)</i>	<i>4</i>
<i>1.2. Pornografia queer, feminista e pós-pornografia</i>	<i>6</i>
<i>1.3. Pornografia lésbica X Pornografia queer</i>	<i>8</i>
<i>2. Estudo Empírico</i>	<i>13</i>
<i>2.1. Objetivo Geral</i>	<i>13</i>
<i>2.2. Objetivos específicos</i>	<i>13</i>
<i>2.3. Questões de investigação:</i>	<i>13</i>
<i>2.4. Método</i>	<i>13</i>
<i>2.4.1. Participantes</i>	<i>14</i>
<i>2.4.2. Instrumento</i>	<i>14</i>
<i>2.4.3. Procedimentos de recolha e análise de dados</i>	<i>15</i>
<i>3. Resultados</i>	<i>16</i>
<i>3.1. Percepção sobre pornografia</i>	<i>16</i>
<i>3.2. Os corpos e as práticas sexuais representados na pornografia</i>	<i>17</i>
<i>3.3. Expectativas em relação ao sexo derivadas da pornografia</i>	<i>19</i>
<i>3.4. Motivações para o consumo de pornografia</i>	<i>20</i>
<i>3.5. Educação sexual na escola</i>	<i>22</i>
<i>3.6. Educação sexual com família ou amigos</i>	<i>23</i>
<i>3.7. Locais de acesso à educação sexual</i>	<i>25</i>
<i>3.8. Educação sexual através da pornografia</i>	<i>26</i>
<i>4. Discussão</i>	<i>29</i>
<i>4.1. A educação sexual em casa e na escola: o que se ensina em contexto formal sobre vivências não normativas?</i>	<i>29</i>
<i>4.2. Que educação sexual está disponível para lésbicas e bissexuais?</i>	<i>31</i>
<i>4.3. Quem é a lésbica que é retratada na pornografia?</i>	<i>33</i>
<i>4.4. Expectativas derivadas da pornografia e os objetivos de consumi-la</i>	<i>34</i>
<i>4.5. O que o pornô está ensinando?</i>	<i>36</i>
<i>4.6. O que o pornô pode oferecer?</i>	<i>37</i>
<i>5. Conclusão</i>	<i>40</i>
	<i>Referências</i>
	<i>42</i>
<i>Apêndice A</i>	<i>45</i>

Introdução

Atualmente, a pornografia está presente no dia a dia de parte da população, sendo acessível hoje a partir de um clique de seus aparelhos eletrônicos, ainda que no passado o seu acesso estivesse restrito a outros meios, tais como conversas, nos contos eróticos e em revistas impressas (da Silva, 2020). Hoje em dia, os filmes adultos podem ser considerados acessórios da cultura popular e vêm despertando interesse acadêmico desde os anos 60 do século XX, mas a pornografia ainda enfrenta desaprovação e raramente é tratada com indiferença na sociedade (Koller, 2015).

Attwood (2005) localiza a pornografia como fonte de desconforto público, já que as pessoas possuem uma percepção de que o consumo de pornô vem crescendo e que pode trazer resultados indesejáveis, levando-se ainda em consideração que a mídia de massa, a tecnologia e o sexo comumente despertam sentimentos de periculosidade social. A própria palavra *pornografia* é polissêmica, pois abrange questões legais – como a censura por faixa etária –, a noção de produção de subjetividades, sexualidades e desejos compreendidos como “normais” e “patológicos” e a percepção por parte de alguns como sendo uma arte inferior, e, por outros, de que se trata de uma ferramenta artística e política, entre outras questões interdisciplinares (Ramos, 2015).

Por outro lado, de acordo com Silva (2020), a pornografia dominante pode ser compreendida como um projeto pedagógico de maior sucesso na atualidade, pois possui um alto nível de adesão e poder de influenciar pessoas a reproduzirem direta ou indiretamente tais conteúdos. Também promete muito mais do que efetivamente oferece, e as estéticas e genitálias retratadas, além de passarem uma imagem irreal sobre como são os corpos, alimenta a fantasia de que sexo é apenas penetração vaginal (Silva, 2020).

A forma de experimentar a pornografia também mudou de acordo com o período histórico, sendo que, hoje, as “tecnologias do visível” – como é o caso da fotografia e do vídeo – favorecem o princípio da “máxima visibilidade”, em que o explícito passa a ser o real e, no caso dos filmes adultos, quanto mais explícito, mais excitante a experiência se torna (Freitas & Leites, 2016), em uma tentativa de revelar a verdade sobre o sexo, uma prova visível do que o prazer é (Ryberg, 2012). A pornografia é o “tornar público” daquilo que a sociedade compreende como privado (Preciado, 2008), de modo a transformar a sexualidade em um bem comercial de consumo em massa (Freitas et al, 2016), até mesmo

porque a internet proporciona maior facilidade para se produzir e consumir corpos, identidades e subjetividades, de se fazer sujeito de seu próprio prazer (Baltar, 2018). A pornografia, neste contexto, pode ser usada como uma ferramenta política para a criação de corpos, padrões de beleza, desejos, prazeres, sexualidades, práticas sexuais, categorizações, normalidades, hierarquias de gênero, raça e geração (Ramos, 2015).

As opiniões a respeito da produção e do consumo de pornografia são plurais e, muitas vezes, antagônicas, entre as quais podemos destacar o discurso do feminismo abolicionista que intenciona o fim destas práticas por considerar que o pornô sempre se pauta na submissão das mulheres à misoginia, e o discurso *queer* e de feministas pró-sexo, que o utilizam como um espaço de resistência, de prazer sexual e agência às mulheres e pessoas *queer* (Freitas & Leites, 2016).

O movimento pró-sexo não ignora a existência de um vasto campo pornográfico que favorece estereotipizações, desigualdades e violência, conteúdos estes que podem facilmente ser encontrados gratuitamente em sites de *streaming*, mas defende que há necessidade de produção de pornografias dissidentes, que promovam equidade e um olhar para as diferenças, para corpos não normativos. O prazer, nestas modalidades pornô, passa a ser visto como algo fluido e que atinge a totalidade do corpo, não apenas os órgãos genitais. Algumas de suas vertentes são a pornografia feminista, a pornografia *queer* e a pós-pornografia.

A tecnologia, a expansão do valor da indústria pornô, a integração da sua iconografia na cultura e o aumento da visibilidade da arte pornográfica aumentaram o número de acessos aos filmes adultos (*pornificação* da vida cotidiana) e favoreceram o aparecimento de diversas categorias de busca e interesse dentro do pornô, muitas das quais se cruzam e se confundem (Koller, 2015). Dentre elas, a pornografia lésbica é uma categoria muito popular, mas que parece despertar pouco interesse acadêmico, considerando-se a falta de materiais científicos produzidos a respeito do consumo e dos efeitos deste tipo de pornografia. Na verdade, conforme apontam Gleason e Sprankle (2019), a literatura científica sobre os efeitos da pornografia ainda é escassa e quase sempre retrata os efeitos negativos do pornô heterossexual para as mulheres e filhos dos homens consumidores, em uma lógica anti-pornografia.

Assim, esta dissertação se propõe a compreender a opinião de mulheres que se envolvem afetiva-sexualmente com outras mulheres a respeito de seu consumo de pornografia, e que efeitos são percebidos por elas em relação às expectativas sobre o sexo. Para tal, esta introdução abordará inicialmente a pornografia tradicional, da qual mais se

produz em âmbito acadêmico, para a seguir contextualizar a pós-pornografia, uma categoria pornográfica que se propõe a questionar a produção *mainstream*, e por fim a pornografia lésbica que, sendo feita por e para homens, ainda assim pode ser uma escolha comum para mulheres que estão buscando compreender práticas com parceiras do mesmo gênero.

1. Enquadramento teórico

1.1. Pornografia tradicional (*mainstream*)

Em 1970, a pornografia perde o seu estatuto clandestino para aparecer na vida social e nas principais salas de cinema da Califórnia, Nova York e Massachussetts, o que fez emergir pautas políticas e jurídicas, assim como os primeiros contornos do movimento anti-pornografia e de movimentos pró-sexo (Freitas & Leites, 2016).

Ramos (2015) reforça a ideia geral dos filmes adultos *mainstream* ao descrever a seguinte cena: uma mulher branca, loira e maquiada, de peitos grandes e poucos pelos, que grita alto enquanto um homem com um pênis grande a penetra até finalmente gozar no rosto da mulher. E, embora esta seja uma cena muito comumente vista por aqueles que consomem pornografia heterossexual em sites de *streaming*, a esteriotipização de corpos e práticas sexuais podem ser encontrados de maneira semelhante nos filmes gays e lésbicos (Ramos, 2015), até mesmo porque estes conteúdos são em geral produzidos e consumidos pelo público masculino branco e heterossexual, que contribuem para a representação de valores heteronormativos nos filmes adultos *mainstream* (Freitas & Leites, 2016).

A pornografia tradicional ou hegemônica, além de reforçar estereótipos de gênero, também favorece violências físicas e simbólicas contra corpos desviantes (Silva, 2020). As preocupações em torno da pornografia costumam aparecer como interrogações acerca da maneira como ela pode afetar os relacionamentos, ser viciante e encorajar o estupro, pedofilia, assassinato sexual (Attwood, 2005) e favorecer a objetificação e até degradação das mulheres (Koller, 2015). Forestiere (2020) aponta que há uma noção implícita no *mainstream* de que os homens têm direitos sexuais sobre as mulheres e que estas são seus brinquedos sexuais, o que implica a ideia de controle e dominação da masculinidade hegemônica e contribui para a perpetuação do estigma social e para a manutenção de um modelo patriarcal. Também reforça a noção de “tipos ideais” hegemônicos, por ser uma pornografia quase sempre ficcional ou semificcional (Koller, 2015).

A pornografia tradicional serve ao consumo de massa como uma estratégia para docilizar os corpos, fazendo-os acreditar que existe um tipo “certo” de prazer que atende aos desejos de homens heterossexuais, mas também que cria e normaliza os modelos do que é permitido dentro da feminilidade e masculinidade (Silva, 2020).

Por outro lado, Attwood (2005) afirma que muitos estudos desenvolvidos no campo da pornografia buscaram compreender a relação entre seu consumo e os efeitos negativos

causados – como a adição e a maior propensão à violência em homens –, mas que a metodologia utilizada pode provocar o aparecimento de resultados controversos, ou seja, de levar a conclusões que os resultados nem sempre sustentam. Na pesquisa desenvolvida por Loftus (2002), por exemplo, a amostra, composta por homens, afirmou que a fantasia do pornô pode ser separada da realidade, percepção esta que a maior parte dos estudos não corrobora. Senn (1993) identificou quatro tipos de perspectivas acerca da pornografia em mulheres, sendo que na perspectiva ambivalente¹ – em que elas não assistiam muito pornô, mas também não apresentavam opiniões fortes sobre – a amostra já consumia pornografia desde a adolescência e não concordava com a perspectiva de que estes conteúdos levassem à violência e vitimização, embora considerasse que ela é responsável por uma percepção mais negativa acerca de seus corpos. McNair (2014) aponta ainda que os crimes sexuais sempre existiram ao longo da história, mesmo antes do surgimento da pornografia gráfica, e que diferente do que afirma o movimento anti-pornografia, quanto mais fácil é o acesso ao pornô em uma sociedade, menor são os números reportados de ofensas sexuais.

Algumas pesquisas de campo também vêm oferecendo uma perspectiva favorável a respeito dos efeitos do consumo da pornografia em mulheres. Gaspar e Carvalheira (2012) apontam que 33% de sua amostra feminina percebe uma melhoria positiva na percepção do corpo originada pelo consumo de pornografia. Mesquita e Pinto (2021) realizaram uma pesquisa em profundidade com 11 mulheres e concluíram que a amostra percebia aspectos negativos do consumo – vergonha, medo do julgamento e censura social, que elas percebem como sendo maior para mulheres que para homens – e aspectos positivos, como empoderamento, autoconhecimento, prazer, liberdade e maior senso de possibilidades ligadas ao sexo, cabendo a percepção de que suas vidas sexuais melhoraram após o início do consumo. Dados semelhantes em relação a autoestima, satisfação pessoal e aprendizado foram obtidos por Baumel et al. (2019), embora sua pesquisa, que comparou o consumo entre amostras de homens e mulheres, aponte para uma maior percepção feminina de que a pornografia estaria ligada a benefícios ao relacionamento, implicando que era consumida em favor (e a partir) do relacionamento que mantinham com os parceiros. Destaca-se que as amostras destes estudos eram quase sempre compostas apenas por mulheres cisgênero e heterossexuais.

¹ As quatro perspectivas descritas pelo autor são, respectivamente: (1) “Radical Feminist” Perspective, (2) “Conservative” Perspective, (3) “Humanist-Child-centered” Perspective e (4) “Ambivalent but Mildly Propornography” Perspective, no original.

Para finalizar, é interessante contextualizar que, de acordo com Morrison e Tallack (2005), parte considerável dos estudos científicos sobre a pornografia partem da perspectiva do feminismo radical, o que pode explicar a explosão discursiva de conteúdos acerca dos malefícios do pornô, ainda que existam outras perspectivas, tais como a conservadora, a liberal e a pós-feminista, esta última oferecendo uma crítica à mensagem implícita anti-pornografia de que a sexualidade masculina é predatória e a feminina é passiva. Problematizar a pornificação é também uma maneira de combater o que Baltar (2018) vê como um moralismo de gênero, na qual qualquer sexualização feminina pode ser taxada como uma sujeição ao modelo patriarcal.

1.2. Pornografia *queer*, feminista e pós-pornografia

Alguns defensores do movimento pró-sexo que criticam a pornografia tradicional vêm contribuindo para a criação de uma diversidade de expressões independentes e alternativas que democratizam o discurso sexual e permitiram a exploração subversiva, a transformação social da sexualidade e uma nova articulação da identidade social que desestabilizam discursos dominantes (Koller, 2015).

Em contraponto com as feministas antipornografia, as feministas liberais anticensura defendem a liberdade de buscar prazer sexual sob diversas formas, inclusive por meio do pornô, o que motivou algumas delas a produzirem conteúdos compatíveis com suas reivindicações, um contraponto aos filmes hard-core produzidos por homens (Freitas et al, 2016). Muitas feministas pró-pornografia estão ou estiveram envolvidas com a indústria pornográfica, e defendem seu potencial transgressivo de desafiar as convenções *mainstream* (Attwood, 2005). Assim, a pornografia *queer*/feminista é atualmente um nicho do mercado de filmes adultos online e alternativo que mobiliza uma indústria própria, com atrizes, atores, diretoras/es e produtoras/es feministas e *queer*, e um meio em que também circulam premiações como o Feminist Porn Awards (Baltar & Sarmet, 2015).

Neste cenário, a pós-pornografia é comumente divulgada em mostras e festivais e possui circulação gratuita na internet, caracterizando-se muito mais como um ativismo sexual não comercial que questiona a produção pornográfica enquanto indústria (Baltar & Sarmet, 2015). Já o acesso à pornografia feminista e *queer* atende à lógica do capitalismo contemporâneo de ser comercializada para atender às demandas de quem o consome, uma vez que são encontrados em sua grande maioria em sites especializados que cobram uma assinatura mensal (Baltar et al, 2015).

O movimento pós-pornô apareceu pela primeira vez nos anos 80 e foi popularizado pela então atriz pornô Annie Sprinkle em seus percursos autobiográficos, para que nos anos 2000 acadêmicos europeus o legitimassem enquanto símbolo de militância (Baltar, 2015). Uma das iniciativas de Sprinkle foi o *Post Porn Modernist*, em que fez uso de um aparelho ginecológico para mostrar seu colo de útero e incentivou mulheres a conhecerem suas próprias vaginas (Freitas & Leite, 2016).

A pós-pornografia é composta por signos e artefatos de feminilidade desprezados pelo feminismo tradicional, considerados pelo movimento abolicionista como vulgares, repetitivos e essencialmente masculinos, já que a agenda feminista abarcava temas como diferença, maternidade, violência de gênero e outros (Baltar, 2015). Na fronteira entre ativismo político, pornografia e arte performática, o pós-pornô rejeita a noção de censura e proibição e se percebe como local privilegiado de empoderamento e de produção de sentidos sobre a sexualidade, desejo e corpo (Baltar, 2015).

Alguns exemplos de pós-pornô são o pornoterrorismo, ecossexo e tecnosexo, cujas performances acontecem muitas vezes em espaços urbanos, em vídeos na internet ou curtas-metragens em festivais de cinema (Freitas & Leites, 2016). Suas estratégias estéticas e narrativas envolvem representar corpos e práticas sexuais que não estão presentes no pornô tradicional ou que são fetichizados neste contexto e trazer elementos do BDSM, body art, teatro burlesco e do cinema de atrações, além de subverter os códigos narrativos clássicos – como o foco na imagem do pênis e Money-shot² –, oferecendo uma crítica ao binarismo entre passividade feminina e atividade masculina e ao excesso de estímulos através dos sons e hipervisualidade (Baltar et al, 2015).

De acordo com Stadler (2018), os estudos *queer* e pornográficos co-emergem como resultado das reivindicações de feministas pró-sexo e pesquisadores não-heterossexuais com o objetivo de desnaturalizar as construções sociais, tais como a sexualidade, e lutar contra o domínio patriarcal. Destaca que o sexo e a pornografia podem produzir discursos através dos órgãos, atos, corpos e prazeres que antes eram compreendidos como obscenos e mantidos fora de cena, mas que tais estudos precisam lutar contra a arbitrariedade do aceitável e inaceitável, que depende do contexto (Stadler, 2018). Apesar das opiniões divergentes sobre a temática, Koller (2015) afirma que o pornô na internet favorece a maior compreensão a respeito da sexualidade e desejo para além de categorias, rótulos e identidades preconcebidas.

² Cena na pornografia em que o ator ejacula.

O pós-pornô, ao se aliar à teoria *queer*, adquire um grande engajamento político e artístico com o intuito de contestar a normalização dos corpos que resultou da pornografia comercial tradicional, colocando o prazer em segundo plano (Freitas & Leites, 2016). A pornografia queer se constitui enquanto um espaço seguro para sujeitos dissidentes, e coloca em cena relações íntimas entre pessoas *queer* em suas diferentes formas e tipos de corpo, abrangendo prazeres que não costumam ser retratados na pornografia mainstream (Forestiére, 2020). Afinal, o corpo pode ser um lugar de luta e resistência das subjetividades dissidentes, e a pornificação feminina se dá enquanto vocabulário teórico-político que põe em cena estes corpos e gozos que fogem à norma, mas que são atravessados pelo desejo comum à subjetividade contemporânea de serem vistos (Baltar, 2018).

Na sociedade ocidental contemporânea os corpos sexualmente desejáveis (e, portanto, elegíveis à pornografia tradicional) são aqueles relacionados ao signo da magreza, branquitude e juventude, o que significa também que aqueles que põem em cena corpos e desejos dissidentes enquanto objetos e agentes pornográficos reivindicam o direito político de serem visíveis e desejáveis em uma sociedade que os oprime (Baltar, 2015). Esta nova forma de produzir pornografia busca questionar códigos estéticos, narrativos e políticos que visibilizam alguns corpos e maneiras de fazer sexo e patologizam outros (Freitas & Leites, 2016).

Mas é preciso pensar criticamente sobre as mensagens que são passadas por meio da pornografia, seja da *mainstream* ou das vertentes que se propuseram a questioná-la. Ramos (2015), por exemplo, critica alguns filmes adultos feitos “para mulheres” por oferecerem cenas de sexo explícito intercaladas com cenas de encontros do casal que, a seu ver, pareciam quase que castrados nestes momentos, além de reproduzirem estereótipos de gênero e serem pouco acessíveis financeiramente. Afinal, a pornografia crítica precisa questionar corpos normativos, discursos hegemônicos de gênero, assimetria entre sexos e padrões de heterossexualidade, além de oferecer produtos acessíveis e que contemplem diversas raças/etnias e uma construção dos desejos ao invés de desejos fragmentados por gênero (Ramos, 2015).

1.3. Pornografia lésbica X Pornografia *queer*

A categoria “pornografia lésbica” difere da “pornografia *queer*”, pois enquanto esta foi criada por e para a população *queer*, a pornografia lésbica é pensada para alimentar os fetiches de homens cisgêneros heterossexuais, e não representa de maneira realista uma relação sexual entre mulheres (Forestiére, 2020). As subcategorias do pornô lésbico também

seguem em geral a lógica da pornografia heterossexual, sendo possível encontrar títulos como “veja adolescentes inocentes perderem sua virgindade lésbica” e “a única coisa maior que suas tetos é seu gosto por boceta”³ (Webber, 2013).

Se pouca atenção se tem dado ao pornô gay, ainda menos se fala a respeito de mulheres lésbicas como consumidoras de pornografia, e grande parte do debate sobre os efeitos da pornografia centra-se no pornô *mainstream* com conteúdo heterossexual, de modo que os dados a respeito da pornografia lésbica são escassos. Na verdade, Morrison e Tallack (2005) apontam que o discurso do feminismo radical anti-pornografia desconsidera outras possíveis “vítimas” da objetificação, tal como os homens gays, e até mesmo ignora que as mulheres não sejam necessariamente agentes passivas a serem prejudicadas pela pornografia, o que favorece uma menor investigação de outros conteúdos pornográficos.

De acordo com Farris et al. (2020), muitos dos jovens LGBT consomem pornografia antes mesmo de suas primeiras interações sexuais (que é por volta de 19 anos em lésbicas), e isso desperta em alguns o receio de serem inadequados em relação à performance e à imagem corporal por causa do consumo pornô, o que substitui o medo de praticar um ato desconhecido. A amostra de Farris et al. (2020) também demonstrou desconhecer a existência de pornografias verdadeiramente *queer*, e muitas mulheres lésbicas relataram ter questionado seu gênero antes de sua sexualidade, pois acreditavam que gostar de mulheres significava querer ser um homem.

No universo da pornografia lésbica, o uso de dildos (pênis de borracha) é comum e, tanto dentro como fora da pornografia, despertam opiniões controversas. Forestiere (2020) afirma que estes brinquedos convidam à ideia incorreta de que mulheres *queer* na verdade desejam relações sexuais com penetração peniana. Na verdade, em alguns pornôs, o dildo substitui completamente a estimulação clitoriana, talvez porque os homens esperem que durante o sexo haja um objeto análogo ao pênis que é o único responsável pelo prazer, para fazê-los se sentir na cena (Morrison & Tallack, 2005; Paasonen, 2006). Ainda assim, há que ter em conta que um dildo não é um pênis, e no sexo entre duas mulheres ele pode ser utilizado como um dispositivo performático para dar prazer, não indicando uma busca por prazer sexual em um modelo heterossexual (Toledo, 2008). Mas este fato se dilui em estereótipos socialmente impostos de que o que as lésbicas fazem na cama não é sexo de verdade (na medida em que não há penetração peniana, o que era considerado o *normal*

³ Tradução livre da autora. No original: “watch innocent teens lose their lezbo virginity”, e “the only thing bigger than their tits is their taste for pussy”.

pelos psiquiatras no séc. XIX) e que este comportamento “desviante” advém de uma frustração com os homens, como se o homem sempre fosse a referência no que diz respeito ao sexo, pois o pênis funcionaria como ferramenta legitimadora do ato sexual (Toledo, 2008).

Tal noção pode inclusive contribuir para a ideia de que mulheres *queer* devem ser punidas por ousarem ter relacionamentos que excluam homens e de que elas necessitam é de um “homem de verdade”, o que se verifica na porcentagem de mulheres lésbicas e bissexuais que são vítimas de violência (Forestiere, 2020). O conteúdo por trás de muitas das “pornografias lésbicas” é de que mulheres no fundo gostam deste sexo “corretivo”, e neste caso o papel do homem seria o de lhe conquistar e “consertar” (Forestiere, 2020). Assim, as representações de lésbicas no pornô são de duas mulheres de feminilidade normativa que parecem estar “treinando” juntas – de uma maneira não genuína - para o sexo heterossexual, performando cerca inocência, o que ressalta o objetivo principal: excitar homens (Webber, 2013).

A performance lésbica no pornô diz muito mais respeito a fetiches masculinos, dentre eles o beijo entre duas mulheres estereotipadamente femininas, que está presente no imaginário dos homens como excitantes (Lima et al., 2017), favorecendo que a sexualidade lésbica seja reprimida e invisibilizada (Farris et al., 2020). Por outro lado, a amostra de indivíduos LGBT da pesquisa de Farris et al. (2020) acreditam que expectativas irreais sobre o sexo só são criadas quando a pessoa não consegue distinguir a pornografia da interação sexual real, que sempre é muito diferente, até mesmo porque cenas de 20 minutos podem levar 12 horas para serem gravadas. Por outro lado, mesmo quem não consome pornografia é atravessado pelos discursos normativos que podem influenciar até mesmo na escolha por ter ou não pelos corporais (Farris et al., 2020), o que denuncia como os discursos e a própria pornografia produzem verdades sobre as mulheres lésbicas e se traduzem como mecanismos de controle de seus corpos e sua sexualidade (Lima et al., 2017).

Interessadas em compreender como mulheres não-heterossexuais interpretam este pornô, Morrison e Tallack (2005) realizaram uma pesquisa com 17 mulheres lésbicas e bissexuais em que apresentaram dois vídeos adultos, um deles o mais popular na época entre a pornografia “pseudo” lésbica, e outro um que as autoras compreendiam que não tinha sido gravado para atender à excitação masculina. O pornô pseudo-lésbico foi percebido pela amostra como não representativo, em que as atrizes nem mesmo demonstravam emoção ou intimidade, com corpos heteronormativos em termos de idade, feminilidade e peso (e a completa ausência de pelo menos uma lésbica *butch*), como se representasse o que homens

pensam que é o sexo entre duas mulheres (Morrison & Tallack, 2005). Já o pornô criado para lésbicas foi compreendido como representando mulheres mais próximas à realidade, que não usavam dildo, eram menos jovens e mais íntimas, mas ainda assim as atrizes tinham unhas compridas e maquiagem⁴, e algumas mulheres da amostra acreditam que a tentativa de tornar o pornô romântico talvez advenha da ideia de que sexo entre mulheres deve ser menos explícito do que o heterossexual (Morrison & Tallack, 2005).

As respostas das entrevistadas de Morrison e Tallack (2005) sobre como se sentiram assistindo aos pornôs foi bastante diversa, e algumas mulheres afirmaram preferir o pornô lésbico *mainstream*, outras o pornô com característica mais *queer*, e outras não se interessaram por nenhum, o que revela a diversidade de opiniões que ambos podem alimentar. Uma das características citadas, o que é endossado por Ryberg (2012), é de que o pornô *mainstream* é muito artificial, porque não há seios, unhas, cílios ou orgasmos reais em cena, o que reforça a necessidade de se procurar produzir mais autenticidade nas telas.

Também é interessante ressaltar a entrevista de Ryberg (2012) com mulheres lésbicas e bissexuais do club LASH e também em um festival pornô em Berlim, em que um total de 56 pessoas, a maior parte mulheres lésbicas ou bissexuais, afirmaram assistir pornô lésbico, em sua maioria uma média de três a seis vezes por ano, seguido das que afirmaram assistir toda semana. Os motivos para o consumo foram diversos, a depender do contexto, como excitação, empoderamento, aprendizado de novas práticas e também pelo interesse acadêmico, e a maioria não costumava ter relações sexuais com parceiras/os durante ou depois.

Deve-se ter em consideração que a pornografia que retrate experiências lésbicas realistas pode ser um meio de empoderar, educar e se falar mais a respeito da sexualidade lésbica, tanto dentro como fora da comunidade, e pode ser um importante veículo de libertação dos modelos patriarcais mesmo para mulheres heterossexuais, através do contato com corpos não normativos, de outras idades e etnicidades (Morrison & Tallack, 2005). A circulação da pornografia lésbica ajuda a democratizar o desejo na medida em que a visibilidade favorece a mudança de normas que regularizam a sexualidade e ajuda a quebrar hierarquias sexuais, mas este mesmo fenômeno também pode influenciar no surgimento de discursos conservadores que podam tais avanços. Em paralelo, os dados de Poole e Milligan (2018) apontam que os homens gays da amostra compreendiam a internet como o lugar mais

⁴ O uso de unhas compridas durante a penetração lésbica não é realista, pois a unha pode provocar lesões no canal vaginal. A crítica à maquiagem na pesquisa parece indicar uma estereotipização do que é a feminilidade no universo cis-heteronormativo.

seguro para aprender e explorar práticas/identidades sexuais, removendo barreiras que antes existissem nestas áreas, e que o consumo afetou a forma como percebiam suas identidades e os possibilitou fantasias que nem sempre eram acessíveis por meio das primeiras experiências. Por outro lado, Farris et al. (2020) apontam que como as experiências e práticas da população *queer* não são retratadas na pornografia, não podem se tornar espaços educativos, mas só vão ser prejudiciais para o jovem e seus relacionamentos sexuais se não forem diferenciados da realidade, pois ainda assim é um portal para expressar que sente desejos sexuais em um universo com ainda poucas opções disponíveis.

2. Estudo Empírico

2.1. Objetivo Geral

Explorar o papel da pornografia na experiência sexual de mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres.

2.2. Objetivos específicos

- Conhecer retrospectivamente as expectativas a respeito da experiência sexual geradas pelo consumo de pornografia antes da prática sexual;
- Compreender se mulheres lésbicas e bissexuais se sentem representadas pela pornografia lésbica;
- Analisar se a pornografia lésbica pode servir como ferramenta de educação sexual.

2.3. Questões de investigação:

- As adolescentes lésbicas e bissexuais consomem pornografia como uma ferramenta de educação sexual?
- A pornografia consumida gerou algum tipo de expectativa a respeito de como seria a prática sexual futura? Se sim, as expectativas se confirmaram?
- De que maneira a pornografia lésbica pode ou não ser representativa da realidade cotidiana das entrevistadas, em termos de práticas sexuais, tipo de corpos e expressão de gênero?
- A pornografia lésbica é efetiva como material para educação sexual a respeito do sexo entre mulheres?

2.4. Método

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, uma vez que pretende compreender uma temática ainda pouco explorada pela literatura científica e que carece de teorias delineadas, como é o caso do consumo de pornografia por mulheres lésbicas e bissexuais. Trata-se de um estudo observacional ex-post facto e transversal, uma vez que a pesquisa pretende compreender a realidade a partir de um recorte temporal específico e já passado, a época em que as participantes consumiram pornografia e ainda não haviam tido experiências sexuais.

2.4.1. Participantes

A amostra foi composta por oito mulheres, sendo que quatro se consideram lésbicas, três bissexuais e uma pansexual, todas elas mulheres cisgênero (n=7) ou transgênero (n=1) com idade entre 22 e 36 anos (idade média = 27,25). Algumas delas residiam no Brasil e outras em Portugal, sendo que cinco delas são brasileiras e três possuem dupla cidadania (brasileira e portuguesa). Uma das mulheres possui ensino médio completo, e as demais têm Ensino Superior completo ou cursando. Elas foram selecionadas para a entrevista após verificação dos critérios de inclusão, isto é, terem referido o consumo de pornografia no período anterior à sua prática sexual com parceiras do gênero feminino. Todas as participantes consentiram oralmente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ainda que não tenha sido possível chegar a uma saturação teórica pelo tempo limitado de que se dispunha para a coleta de dados, as entrevistadas possuem experiências bastante diversas, o que contribuiu para o enriquecimento dos dados coletados. Afinal, embora todas se considerem mulheres e se relacionem com outras mulheres, em termos de interseccionalidade algumas diferenças se destacam, pois constituem a amostra mulheres brancas e negras, de diferentes padrões econômicos, uma delas neuroatípica, uma delas transgênero, que residem em diferentes regiões do Brasil e de Portugal. Isso possivelmente contribui, na exposição dos dados, com o rompimento com a norma cisgênero, com a branquitude, com a neurotipicidade, até mesmo com alguns padrões estéticos tidos como normativos. A própria idade pode ter contribuído para o maior ou menor acesso a materiais tanto de educação sexual quanto pornográficos.

2.4.2. Instrumento

As entrevistas foram conduzidas tendo como modelo um guião semiestruturado (Apêndice A) que constituiu uma estrutura inicial de perguntas elaboradas em conexão com os objetivos propostos. Novas perguntas foram formuladas sempre que se percebeu a necessidade de enriquecer a coleta de informações e de responder às potências e necessidades específicas de cada diálogo.

Havia dois blocos de perguntas, sendo que o primeiro dizia respeito à experiência com pornografia e o outro com educação sexual, que resultou em perguntas sobre (1) seu consumo de pornografia antes da prática sexual com mulheres, (2) suas expectativas quanto

ao sexo à partir do consumo, (3) suas opiniões a respeito da pornografia representar mulheres de diferentes padrões de corpo, raça, etnia, e outros, tanto em geral quanto em específico nas suas experiências, (4) se a pornografia se aproximou das experiências que tiveram com suas parceiras, (5) que contato tiveram com educação sexual condizente com seu gênero e orientação sexual, (6) se acreditam ter usado a pornografia como uma forma indireta de educação sexual e (7) se acreditam que a pornografia pode ter como função educar sexualmente.

Os materiais utilizados foram um Iphone XS com função de gravador, o guião impresso e um computador MacBook 2016 para a transcrição dos dados obtidos durante a gravação, através do uso do programa Microsoft Word na versão 15 13.3 do ano de 2015.

2.4.3. Procedimentos de recolha e análise de dados

A coleta de informações foi realizada entre março e abril de 2022 por meio dos métodos de amostragem intencional de conveniência e bola de neve, de modo que se chegou às participantes iniciais através de pessoas das redes pessoais da pesquisadora. Cada uma das participantes, por sua vez, foi convidada a indicar mulheres que poderiam se enquadrar nos critérios de inclusão, sempre que possível.

As entrevistas foram realizadas presencial ou virtualmente, a depender do país em que a entrevistada se encontrava e do seu maior conforto, e todas as informações recolhidas foram gravadas com o consentimento prévio de cada uma delas, com duração média de 20 minutos. Os dados foram transcritos na íntegra e analisados em profundidade. O referencial utilizado para a análise dos dados foi a análise temática, que tem como objetivo identificar, analisar e descrever padrões, ou seja, identificar os significados dentro do conjunto de dados e separar as informações relevantes por temas (Braun & Clarke, 2006).

Assim, após a análise exaustiva dos dados, chegou-se a nove categorias: (1) Percepção sobre pornografia; (2) Modo como pornografia representa os corpos e práticas sexuais; (3) Expectativas derivadas da pornografia; (4) Objetivo do consumo; (5) Educação sexual na escola; (6) Educação sexual com família ou amigos; (7) Locais de acesso à educação sexual; (8) Educação sexual através da pornografia; (9) Opinião sobre a pornografia como um material de educação sexual.

3. Resultados

3.1. Percepção sobre pornografia

Quando convidadas a pensar sobre quais eram suas impressões hoje sobre pornografia de um modo geral, todas concordaram que, ao menos no caso da pornografia *mainstream*, esta é produzida para atender aos desejos masculinos, e que deve haver um cuidado na maneira como cada pessoa consome este material:

Eu considero pornografia como um ato performativo, como fantasia que não tem muito a ver com realidade, então quando você expõe isso para uma pessoa que não tem informação nenhuma, e ela toma aquilo como realidade, ela vai entender... ela vai ver aqueles vídeos e vai tomar muitas coisas erradas, porque a maior parte da pornografia está focada no prazer masculino (entrevistada 5).

A pornografia ela geralmente coloca padrões irrealistas e coloca corpos que não existem também né, plastificados... Então eu acho que causa muito... é bem problemático neste sentido, você causa várias expectativas que não existem (entrevistada 6).

Quanto à opinião a respeito do material que consumiram, algumas afirmam sentir uma discrepância entre a pornografia *mainstream* e suas próprias expectativas sobre afeto nas relações entre mulheres. Nota-se que, nos excertos seguintes, a entrevistada 1 faz uma comparação entre um filme pornô e sua experiência com vídeos pornográficos, enquanto na experiência da entrevistada 3 esta compara os vídeos aos filmes românticos que não apresentavam cenas de sexo:

O filme era muito mais intuitivo, mais aquele negócio de conquista e tal, e o vídeo que eu vi com a minha prima era só gente fodendo mesmo, né, aquela coisa sem história sem nada, e nojento. (...) O filme realmente deixou uma impressão até que boa em relação ao sexo lésbico, assim, mas não sei se foi realmente porque foi a primeira vez que eu me senti excitada (entrevistada 1).

Não foi algo que eu tivesse explorado muito porque eu achei estranho, porque eu via os filmes mais românticozinhos e pareciam dois universos muito diferentes (entrevistada 3).

Algumas das entrevistadas afirmaram ter uma ideia prévia da pornografia como ruim e que esta consciência as resguardou de expectativas tidas por elas como irrealistas, mas também foi geradora de culpa:

Eu me sentia muito culpada, eu achava que isso era muito errado (...). Acho que isso também vem de muitas discussões que tem hoje em dia dizendo do quanto a pornografia pode ser errada, e sobre a

objetificação do corpo feminino, e não sei o quê... então era isso que eu carregava um pouco, de ver este tipo de coisa sabendo que poderia, sei lá, estar fazendo mal para outra mulher ou algo assim, ou mesmo indo para este outro lado né, de que é errado sentir este tipo de desejo, de ver este tipo de coisa, era neste sentido assim que eu me sentia culpada, eu achava que eu estava fazendo uma coisa muito proibida (entrevistada 8).

Partindo de uma reflexão de que a pornografia poderia ser nociva às atrizes, ela complementa:

Aquelas coisas muito cinematográficas que tem toda uma história por trás sempre me pareceu muito falso, eu cheguei a ver como se fosse um filme, nunca foi algo que eu achasse excitante, então se eu procurava um vídeo no sentido de excitação era mais aquela coisa amadora porque eu também não sentia que poderia estar consumindo algo ruim, talvez por ter este cunho mais amador então talvez as pessoas que estivessem ali estavam mesmo sentindo prazer (entrevistada 8).

Em algumas narrativas, observa-se que a percepção sobre a pornografia foi mudando ao longo dos anos, principalmente após o contato com pessoas que criticavam o material:

Me falaram muito por exemplo que pornografia não é sexo, que pornografia não te ensina a transar. E até depois algumas pessoas iam me trazendo referências mesmo sobre essa questão de pornografia que eu fui entendendo, por exemplo, principalmente em relação ao sexo heterossexual que tem um enfoque da câmera muito grande na penetração. E... tudo fica resumido muitas vezes a penetração, o fato de que você tem ali um sexo oral (...), ele é só a tal da preliminar, que para o sexo lésbico não faz sentido, não é? (entrevistada 2).

Pelo fato de eu não conseguir dialogar de uma maneira tão profunda sobre esta questão, eu me privei muito na questão de ter muita referência de questões pornográficas, e eu comecei a repensar bastante depois que eu tive a minha primeira relação sexual sobre isso também (...), não sei se o material que eu acompanhei durante muito tempo era de boa qualidade ou não (entrevistada 4).

3.2. Os corpos e as práticas sexuais representados na pornografia

Apesar de ser possível perceber que as entrevistadas consumiram materiais diferentes e que, principalmente no caso da entrevistada 5, isso lhe deu acesso a corpos transgêneros de mulheres de diversas etnias e padrões de corpo (“eu ia procurar todo tipo de mulher trans, seja ela asiática, fossem negras, fossem brancas, tivessem o corpo mais musculado, fossem um corpo machinho, ou mais magro”), ainda há um consenso entre a amostra de que a

pornografia não apresenta diversidade de corpos e práticas sexuais, e seis delas acreditam que a pornografia não representa de maneira realista a elas ou às mulheres com quem se relacionaram, por diversos motivos:

Não tinha nada, era todo mundo igual, todo mundo fazendo o mesmo sexo, tem até padrão sabe, tipo vai acontecer provavelmente isso ou isso (entrevistada 6).

Das pessoas que eu fiquei na minha vida, nenhuma delas era padrão (entrevistada 1).

As duas vezes que eu me relacionei sexualmente com as garotas, as duas também tinham deficiência. Uma era amputada, e a outra também era autista, né. Então era totalmente fora do contexto de diversidade que a gente vê nesses materiais de pornografia (entrevistada 4).

Além disso, a entrevistada 2 refere que a pornografia, ao representar corpos normativos, ensina indiretamente quais são os corpos que podem ser desejados, o que pode ter influenciado por quem ela sente atração: “Pornografia ela ensina o que é o desejo, o que é o objeto do desejo. E o que não é também” (entrevistada 2). E complementa:

A minha memória sobre o sexo lésbico é uma memória de um sexo branco, feito entre mulheres brancas... Brancas e padrão, não é, por isso que eu falo também que ela é uma pornografia que está aí a consumo do homem, porque ela é uma pornografia feita com mulheres extremamente brancas, extremamente magras, sem uma puta de uma estria, sem uma puta de uma celulite (...). Eu acho que tudo que fuja do que é ser branco dentro do pornô também vira uma categoria (entrevistada 2).

Ainda assim, é possível perceber em alguns casos que as próprias entrevistadas tiveram experiências sexuais com mulheres cujos corpos atendem à norma do que é comumente desejável: “A pessoa estava completamente dentro deste padrão, e é um padrão que eu também acabo me encaixando, que sou uma mulher cis, uma mulher branca, então acho que nisso acabou sendo a mesma coisa” (entrevistada 8).

E, para além de certas características físicas e corpos normativos, uma das entrevistadas aponta que a pornografia costuma representar relações muito limitadas, porque mostra sexo, mas não corpos em interação, ou a conexão que pode haver para além do sexo:

Você pode transar com o corpo do outro, o corpo inteiro, né, não é só os órgãos sexuais, mas que também estes órgãos podem estar em outras relações em outras posições e acontecerem de outras maneiras que o pornô não mostra (...), o que cada uma gosta na hora do sexo muda bastante e o pornô ele não dá conta disso, o pornô ele é uma máquina mesmo (entrevistada 2).

3.3. Expectativas em relação ao sexo derivadas da pornografia

Duas das entrevistadas afirmam ter consumido pornografia apenas por curiosidade ou busca de prazer e sem criar expectativas sobre suas futuras relações, como pode ser evidenciado no seguinte excerto: “Quando eu consumia pornografia, era muito por uma questão de prazer mesmo, mas sem criar muita referência no meu mundo real (...). O que eu consumo aqui é muito diferente de quando eu estou com alguém” (entrevistada 4).

Porém, também é possível perceber ao longo do discurso de algumas mulheres expectativas produzidas ou derivadas do consumo de pornografia, entre as quais se destaca a **percepção do sexo entre mulheres como sendo mais íntimo** (“quando eu comecei a transar com homens eu lembro que eu senti uma sensação tipo ‘parece que sexo lésbico, com mulheres, é muito mais íntimo’” – entrevistada 1); **maior facilidade em gozar e sentir prazer** (“eu acho que ela está ensinando mais a performance do sexo. Esse roteiro que você segue e que todo mundo goza e isso não é verdade. Eu acho que para mim uma grande frustração em relação ao sexo quando eu comecei a transar era que eu não gozava” – entrevistada 2); e **necessidade de ser muito habilidosa para o sexo** (“no começo eu fiquei bem insegura né, nas primeiras vezes (...). Nos vídeos a gente tem aquela expectativa de que vai ser alguma coisa muito exagerada mesmo, e que a gente tem que ter uma habilidade ali muito boa para funcionar” – entrevistada 7), inclusive no sentido de **a mulher dever ser sempre sedutora e preparada para o sexo** (“sempre tem esta imagem de que a mulher tem que ser sempre sedutora, sempre estar super bonita e arrumada na pornografia, mas também de estar super livre” – entrevistada 8).

Outro ponto que aparece como expectativa, no caso da entrevistada 5, é que a partir do consumo de pornografia pôde pensar pela primeira vez na possibilidade de efetivar sua Transição de Gênero, conforme relatado a seguir: “fiz eu ter mais curiosidade, porque se existem mulheres que conseguem lá chegar, como que eu lá chego, como é que é a vida delas, como que é a vida fora deste contexto de sexo”.

Ainda que tenham consumido pornô na infância e início da adolescência e que isto tenha causado alguma impressão em particular sobre o sexo, algumas delas afirmam que, quando tiveram sua primeira experiência sexual, tinham uma visão de que a prática seria diferente da representada na pornografia:

Quando eu comecei a transar com mulher eu já era mais velha, e eu já sabia que pornografia lésbica não bate (entrevistada 1)

Eu acho que quando eu tive a minha primeira experiência com uma mulher já tinha dado tempo de eu ter várias dessas conversas com outras pessoas, então quando eu efetivamente tive a primeira experiência eu acho que já não estava assim tão... com tantas expectativas (entrevistada 2).

O que eu via ali, embora eu achasse bastante interessante, não necessariamente esperava que aquilo fosse acontecer na vida real, já tinha idade, já sabia que o pornô era o pornô (entrevistada 3).

Quando eu tive minha primeira relação com uma mulher eu já tinha explorado muito da minha feminilidade e da sexualidade feminina através do chat e do cibersexo, estas coisas todas, que me deram uma perspectiva completamente diferente do que seria o sexo entre duas mulheres (entrevistada 5).

Por outro lado, outras entrevistadas referiram que o consumo de pornografia afetou negativamente suas primeiras relações sexuais com mulheres:

Eu fiquei meio travada assim, de achar que eu não ia conseguir fazer alguma coisa (...), nas primeiras experiências eu fiquei bem insegura, então eu fui mais passiva, eu não me sentia à vontade para tentar fazer alguma coisa. Depois, eu acho que eu já me senti um pouco mais a vontade para isso e percebi ser totalmente diferente na verdade do que aquilo que a gente assiste (entrevistada 7).

Pelo menos do que eu vi, do que eu consumi, era sempre isso, de estar com muito desejo e super aberta para qualquer coisa, e não foi isso que eu vivi, porque o que eu vivi era tipo um momento de tensão porque eu não estava ainda confortável com aquilo com a pessoa (entrevistada 8).

3.4. Motivações para o consumo de pornografia

Quando questionadas a respeito de quais entendiam ser seus principais motivos para consumir pornografia antes mesmo de terem iniciado suas vidas sexuais com uma mulher, a curiosidade e/ou a masturbação aparecem como motivação em todas as entrevistas, como pode ser exemplificado nos enxertos a seguir: “eu tinha bastante curiosidade, não tinha série, não tinha nada né, na época. De coisas assim entre mulheres” (entrevistada 6) e “tinha que liberar o excesso de adrenalina, o excesso de vontade mesmo, sabe? Tinha muita libido. Então, quando eu usava a pornografia, era muito mais pela questão de masturbação” (entrevistada 4).

Para além disso, outros motivos para o consumo de pornografia apareceram nas entrevistas, e podem ser agrupados numa categoria relacionada com referências, diretas ou indiretas, a práticas sexuais, orientação sexual e identidade de gênero. Tal como destacado

nos excertos a seguir, para as entrevistadas o consumo de pornografia surgiu como vontade de ter uma primeira referência relativa às práticas sexuais, nomeadamente obtendo uma noção visual dessas práticas e vendo a sua sexualidade representada, um meio de aprender a ter uma boa performance, uma tentativa de encontrar mulheres transexuais e uma forma de descobrir a sua orientação sexual:

não sabia muito bem como era ter relação sexual com uma mulher, na verdade nunca tinha tido também com homem, então tinha zero experiência, e eu estava tentando entender mesmo qual era o meu papel. Como que eu podia... não sentir prazer, mas proporcionar prazer para a outra pessoa (entrevistada 7)

Para me dar uma noção mais visual de como era a prática, que era o que me faltava, eu lia muito sobre outras coisas, eu ouvia outras pessoas, mas me faltava o visual, eu conseguir visualizar aquilo, e pronto, eu tinha as minhas fantasias e tentava buscar ali algo que fosse semelhante (...) do que eu imaginava que seria eu estando com uma mulher (entrevistada 3).

Eu era super complexada com meu corpo porque eu sempre fui muito magrinha, então eu tinha muito esta questão da comparação, principalmente com minhas amigas, porque minhas amigas se desenvolveram mais rápido de peito e bunda, e eu comparava muito isso, então eu pensava: se eu não gosto do meu corpo e não acho que meu corpo vai ser aprovado pelos meninos (...) então eu tenho que ter algum outro fator que chame atenção... então eu pensava que eu tinha talvez que ver a pornografia para aprender a fazer alguma coisa” (entrevistada 8).

Acho que ver outras pessoas, estas coisas, além de normalizar aquilo para você, você, acho, também tem uma necessidade de ver outras coisas neste sentido, tipo mulheres lésbicas transando entre elas, se dando prazer, não tinha isso, sabe. E era... nem se falava sobre isso. Era uma busca de prazer, de sexualidade mesmo, e onde você acha isso, né? Então era quase uma autoafirmação ver, consumir este tipo de conteúdo que não existia na TV, tinha que procurar na internet” (entrevistada 6).

Foi um pouco para procurar o contato com o que seria a sexualidade feminina, e como funcionaria essas coisas, eu tinha muita curiosidade, e ao pesquisar eu descobri as pessoas trans, eu comecei a ver que existia uma possibilidade de isso acontecer [transicionar], eu comecei a investigar um pouco mais sobre mulheres trans, fui procurando um pouco de saber mais sobre o assunto, sobre hormônios, sobre as terapias, mas meu primeiro contato foi mesmo aquelas mulheres” (entrevistada 5).

Isso não era uma coisa que era falada no meu dia a dia (...) e sabendo que eu tinha este desejo, eu acho que também devo ter ido atrás disso para perceber se eu tinha este desejo mesmo, ou será que não, será que eu vou achar isso realmente legal?” (entrevistada 8).

Uma outra categoria diz respeito à necessidade de se identificar como mulher. Neste caso, uma entrevistada, uma mulher transexual, utilizou a pornografia para se imaginar no papel de mulher:

Naquela época estava um pouco à procura de qualquer coisa que fizesse sentido para mim, eu inicialmente via pornografia me imaginando no papel da mulher, e... naquela altura eu não tinha feito transição nem nada, e para mim muito de tudo o que era relacionado com a transição, em ser mulher, era um assunto quase que impossível para mim (entrevistada 5).

A última categoria relaciona o consumo de pornografia com o engajamento político: “eu falo sobre feminismo há muitos anos, daí eu acho que eu lembro de ir assistir pornô lésbico para ver isso [para confirmar se havia objetificação da mulher no pornô]” (entrevistada 1).

3.5. Educação sexual na escola

Sete das oito entrevistadas afirmaram recordar-se de ter tido algum conteúdo de educação sexual na escola, em torno de maior ou menor número de temas, a saber: Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST); prevenção; gravidez e reprodução; corpo humano; órgãos sexuais; e prática sexual. A entrevistada que teve maior acesso à educação sexual também reportou ter aprendido sobre masturbação e aborto, e que sua escola lhe ensinou que não era errado sentir prazer e que era importante ter conhecimento do próprio corpo, o que a faz perceber sua educação sexual como boa e esclarecedora.

Por outro lado, destaca-se que todas as demais entrevistadas que se recordam de terem tido contato com o assunto na escola acessaram uma educação sexual somente heterossexual e muito limitada:

Não houve uma exploração de toda a sexualidade humana, de todos os contextos, todas as dimensões que a sexualidade no fundo tem, que vai muito além de sexo. Não falamos sobre relações, não falamos sobre tipos de corpos, não falamos sobre, sei lá, identidades de gênero, sexualidades e por aí afora (entrevistada 5).

Demorou anos para eu ouvir falar sobre, sei lá, camisinha feminina para sexo lésbico, por exemplo. E isso foi a internet, não a educação sexual dada né (entrevistada 6)

Mesmo a entrevistada que referiu ter tido acesso à uma abordagem também direcionada à “comunidade LGBT” na verdade afirmou ter aprendido sobre sexo entre homens gays (e não sobre demais pessoas da comunidade) no que dizia respeito à proteção contra IST e que a professora não estava preparada para explicar alguns destes assuntos.

3.6. Educação sexual com família ou amigos

Duas das entrevistadas acreditam ter tido uma boa assistência a nível de educação sexual em casa sempre que havia necessidade, ainda que uma destas pense que estas conversas com a mãe em específico só podiam acontecer se fossem no âmbito da relação com um homem. Os excertos seguintes retratam estas duas situações:

Sempre tive muita liberdade de falar sobre estas coisas com meus irmãos, e com minha mãe também, sempre que eu tive alguma questão, não sobre a parte de relacionamento com mulheres, isso nunca foi um tópico entre nós duas (entrevistada 8).

Meus pais sempre conversaram muito abertamente sobre sexo (...). Tudo o que eu soube sobre sexo lésbico eu soube através da minha irmã (...) com 11 anos eu já comecei a ter informação sobre, entender sobre, já porque eu e ela a gente sempre falou abertamente sobre sexo, o que foi ótimo para a minha vida sexual (entrevistada 1).

O acesso à uma educação sexual em casa, talvez por ter caráter incomum quando diz respeito principalmente a experiências que fogem à cisheteronorma, não aparece, portanto, como parte da experiência de boa parte das entrevistadas, e é compreendido por uma das entrevistadas como uma forma de privilégio:

Eu tive esta sorte eu acho, de certa forma eu acho que foi realmente uma sorte, tipo... a minha irmã não teve. Ela teve que ir atrás, ela teve que entender, porque ninguém fala, né? Agora, todo mundo fala de sexo hétero, quando vão explicar sexo quando é criança é o pênis entrando dentro da vagina (entrevistada 1).

Três delas não tiveram espaço seguro em casa para falar sobre sexo, sendo que uma das famílias achava ofensivo qualquer questionamento acerca do assunto, que era proibido: “Isso era um assunto tabu em casa, tipo se eu começava a falar muito sobre estas coisas as pessoas falavam, tipo ‘me respeita, eu não quero falar sobre isso’” (entrevistada 5).

Três das mulheres referiram ter tido conversas em casa voltadas somente à prática heterossexual e no âmbito da proteção, seja do abuso, seja da gravidez ou IST. Por outro lado, como a educação da maioria foi heterocentrada, uma destas refere ter ela mesma evitado esta conversa com a mãe:

Era meio constrangedor para mim ver minha mãe me mandando estas paradas, sabe? E também na época eu me considerava lésbica, só que não era assumida, e ela me falava de rapazes, aí acho que mudava todo... não fazia sentido, e eu meio que não queria continuar este papo com a minha mãe (entrevistada 4).

Em relação às amizades, ou elas não foram diretamente citadas ou as entrevistadas se referiram aos pares como pouco acessíveis na adolescência, pois as experiências dos amigos eram heterossexuais, e que só teriam vindo a conhecer pessoas da sua comunidade em anos posteriores. Mas, ainda que conversas informais com amigos não tenham aparecido nas entrevistas como uma fonte de educação sexual, é importante destacar que em duas entrevistas isso aparece como uma aparente fonte de desconforto após chegar a uma certa idade em que as expectativas sociais era de que já tivessem se relacionado sexualmente:

Eu não me sentia a vontade de participar dessas conversas, porque enfim eu não transava... (entrevistada 2).

Eu tinha muita vergonha de compartilhar a questão de eu não ser sexualmente ativa, parece que o fato de eu ser virgem com quase 28 anos, perdi minha virgindade com 28 anos, então não abria muito espaço para diálogo, saca? parecia que tinha uma pressão muito grande social. Quando eu falava para minhas amigas lésbicas que eu era virgem, e elas tipo "por que você tá demorando?", sabe? (entrevistada 4)

O desconforto em relação aos amigos também assume nas entrevistas um medo de ser estigmatizada:

Eu só tinha amigos e amigas héteros, então eu tinha muito receio, acho que o maior receio que eu tive de fazer meu coming out era por causa das minhas amigas lá do Brasil, de tipo ficarem "ah, eu não posso mais me trocar na frente dela porque ela vai querer, vai sentir algum desejo" (entrevistada 8).

Apesar de não ter tido acesso à educação sexual com os pais e seus amigos, a entrevistada 5 afirma ter conhecido posteriormente uma pessoa na casa BDSM que frequentou que, além de lhe acolher, estava preparada do ponto de vista técnico para lhe ofertar suporte:

De repente havia uma pessoa para quem eu poderia dizer qualquer coisa, qualquer coisa que eu quisesse falar, sobre qualquer assunto, sobre qualquer tabu, eu podia falar ali que não iria ser julgada por isso, e a pessoa ia conversar comigo de uma forma saudável. E foi a partir daí que eu comecei a evoluir, para ser sincera (...), a matriarca da casa foi quem me guiou, de certa forma, em toda a sexualidade feminina, em tudo o que é explorar esta parte feminina de mim própria, que eu não tinha propriamente alguém com quem fazer (entrevistada 5).

3.7. Locais de acesso à educação sexual

Nenhuma das entrevistadas teve, no início do seu entendimento sobre suas sexualidades, uma pessoa realmente preparada do ponto de vista técnico para orientá-las. É possível perceber uma mudança na entrada na faculdade, para algumas, ou no contato posterior com uma fonte que era bem informada, no caso da entrevistada 5. A entrevistada 1 foi a que melhor teve acesso a conteúdos de educação sexual diversos e aprofundados, tanto em casa quanto na escola, mas que não foi necessariamente satisfatório para a compreensão da sua bissexualidade, entendida pela família como “uma fase”. Assim, além da pornografia, destacam-se os conteúdos da internet como principal fonte de acesso a informações, nem todas elas confiáveis. Uma das entrevistadas inclusive afirma que, para ter tido acesso às poucas informações disponíveis sobre lésbicas, foi preciso procurar em sites estrangeiros, o que evidencia inclusive a barreira da língua na hora de encontrar informações.

No mundo físico isso nunca existiu, nunca houve um lugar para se falar disso, nem com os meus amigos, era cidade do interior, e tal. Depois de um tempo sim eu comecei a encontrar espaços virtuais, grupos, onde eu podia falar, eu podia perguntar e haviam pessoas fazendo conteúdos que eu consumia bastante também e que foi me ajudando (entrevistada 3)

Como eu não tinha este espaço aberto com ninguém assim a não ser amigos, o que eu sempre fiz e acho que faço até hoje é: qualquer dúvida, vou lá na internet e pesquiso absolutamente tudo, então foi o que eu pesquisei em relação a isso, a sexualidade, a prática, pesquisei a parte de proteção, então tudo eu fui sozinha ali (entrevistada 7).

3.8. Educação sexual através da pornografia

Ao longo das entrevistas, foi possível compreender que o consumo de pornografia teve um papel para as entrevistadas a nível de educação sexual informal. Ainda que a pesquisa exploratória não permita delimitar uma relação entre pior educação sexual em casa/escola e maior procura por informações na pornografia, a carência de uma educação realmente inclusiva às suas sexualidades parece ter tido importância na busca por informações em outros meios, o qual inclui a pornografia. É interessante ressaltar, por exemplo, que a entrevistada que referiu menor consumo de pornografia durante a adolescência foi a que teve mais acesso à educação sexual em casa e na escola, espaços em que se sentia confortável para apresentar dúvidas e opiniões.

É possível averiguar que algumas das mulheres entrevistadas assistiram ao pornô na altura da adolescência como uma forma de acessar informações sobre prática sexual que não estavam acessíveis por outros meios: “foi a minha referência de sexo durante muitos anos (...), o que eu sabia sobre sexo era o que eu via realmente na pornografia” (entrevistada 2). E, embora infiram que não foram conscientemente buscar na pornografia uma educação sexual:

Quando te faltam as referências e te faltam as conversas sobre isso, o pornô é o que está disponível para te ensinar o que é sexo. [A pornografia foi uma das formas de entender] sobre o sexo com outro e também sobre a minha sexualidade, pensando o que é o meu prazer comigo mesma (entrevistada 2).

Quando não tens ninguém com quem te abrir, quando não tens ninguém com quem falar sobre esses assuntos, tudo fica muito turvo, tudo fica muito difícil. E de repente eu fui à procura aqui e ali, e a pornografia me ajudou imenso nesse aspecto (entrevistada 5).

Se não fosse pela pornografia eu acho que eu não teria outro meio de saber sobre isso porque, o que teria de contatos? Filmes, que às vezes aparece alguma cena de sexo, e geralmente cena de sexo em filmes é aquela coisa mais escondida, então não aparece explícito e é sempre, sei lá, uma posição mais simples, digamos. Então acho que nisso sim, acabou por abrir portas, digamos (...), eu não fazia ideia de como aquilo acontecia se não fosse tendo visto a pornografia (entrevistada 8).

Assim, ainda que nenhuma das entrevistadas considere a pornografia um bom material de educação sexual, quando sequer o consideram como tal, houve pontos em que a pornografia foi um acesso a informações que não tinham em outros meios, como por

exemplo um auxílio para compreender posições e práticas sexuais, em sentido de performatividade e noção visual da prática:

Eu não consumi pornografia pensando em aprender a transar, no sentido de uma educação sexual, mas eu já tinha assistido então eu tinha ali uma noção de tipo "OK, deu tempo de desconstruir, mas eu sei o que tem que fazer", em relação às posições do sexo lésbico e tudo mais que eu tinha referência da pornografia (entrevistada 2).

Me forneceu alguma informação de como eram aqueles corpos interagindo de alguma forma (entrevistada 3).

Dando um exemplo bem prático, posição de quatro. Era uma coisa que eu sempre ouvia, mas eu imaginava na minha cabeça completamente diferente. Quando eu vi na pornografia eu fiquei "ah, é assim". E daí eu entendi como é que funcionava, então acho que de certa forma também me ensinou coisas (entrevistada 8).

A maior parte das entrevistadas não compreende a pornografia como um material de educação sexual, e acham improvável que a indústria pornográfica pudesse produzir conteúdos educativos, mas também interessantes e consumíveis: “muito do que é feito neste contexto se aplicado a um contexto real não tem prazer nenhum (...) a realidade tira basicamente o bom da pornografia, que é o fantástico, é o impossível de acontecer” (entrevistada 5). Já o excerto seguinte apresenta uma opinião contrária:

Eu acho que é realmente esta falta de realidade [o problema], não é a fantasia, não é o fetiche, é mesmo a falta de realidade, é as coisas não condizerem com o que realmente acontece, poder mostrar que sim, pode existir desconforto no sexo, pode existir momentos em que a gente não sabe exatamente o que fazer, tipo parece que na pornografia tudo sempre é passado como se tivesse 100% de desejo, e todo mundo tem que chegar no ápice, tem que gozar (entrevistada 8).

Quando algumas das entrevistadas referem a importância de conteúdos mais próximos à realidade e mais diversos, ressaltam a importância de que isto poderia ser como uma porta de entrada para discussões sobre sexualidade principalmente no caso de populações sem acesso a informações:

Se você pensar que tem gente que não tem acesso a nenhum tipo de instrução, de educação sexual, vai ser provavelmente o único lugar em que a pessoa vai achar, na internet (...). Porque elas vão atrás disso para consumir porque elas não têm onde procurar, eu acho que a gente como LGBT temos este problema (entrevistada 6).

Talvez para as pessoas que não têm esta abertura de algum lado, esta educação sexual de algum lado né, traz algum tipo de experiência para ver, para tentar entender (entrevistada 7).

Por outro lado, algumas entrevistadas questionam tanto a indústria pornográfica quanto o conteúdo produzido por ela:

A pornografia é uma educação sexual, o problema é o que ela está ensinando (...). Tudo dependeria do como, como que essa pornografia ela é feita, com quais objetivos ela é feita, o que que ela retrata, o que que ela mostra. Não é o vídeo filmando uma relação sexual, mas que relação sexual está sendo filmada e como (entrevistada 2).

[A pornografia] pode moldar expectativas, pode alterar as experiências que você teria e o que você pensaria das experiências que você está tendo sabe, porque você viu uma coisa diferente, não necessariamente melhor ou pior, mas aí você vai de fato estar com uma mulher e não é aquilo que você viu no vídeo e talvez só por ser diferente você considere que o que você está tendo não seja bom o suficiente (entrevistada 3)

Quando convidadas a pensar de que maneira a pornografia poderia ser educativa, as ideias mais recorrentes foram que ela teria que ser produzida por mulheres, fugir à normatividade branca, abranger conteúdos como a prevenção de IST entre mulheres e ofertar uma orientação em relação às práticas como um todo.

A gente tem que criar conteúdos que sejam mais neste sentido, de explicar, de mostrar como é prazer para a mulher, como é prazer p'ra pessoas trans, como são pessoas intersexo, como são pessoas assexuadas, que nem sabe que isso existe, então acho que a internet tem este propósito e que seria muito legal usar (entrevistada 6)

4. Discussão

Quando referiram o consumo de pornografia anterior à sua primeira relação sexual com uma mulher, percebeu-se uma pluralidade de narrativas que não vieram unicamente ao encontro de vivências e aprendizagens negativas, mas que dependeu mais das especificidades do conteúdo consumido. Em todas as entrevistas, a pornografia teve alguma função na trajetória de compreensão de suas orientações sexuais ou identidades de gênero, mesmo que de forma periférica.

Para além da influência direta da pornografia, buscou-se a compreensão da educação sexual das entrevistadas, importante para a seguinte análise: se estas mulheres, na altura adolescentes, não tiveram acesso a uma educação capaz de abranger eticamente suas orientações sexuais e identidades de gênero, de que maneira elas tiveram acesso a estas informações? Estes meios foram capazes de responder às suas necessidades de autoconhecimento e de busca de identidade para além da cisheteronorma? Entende-se aqui, com base nos resultados, que a pornografia teve um papel de educação sexual, juntamente com outros conteúdos da internet.

Para explorar algumas respostas a estas perguntas, esta discussão se centra na disponibilidade de materiais de educação sexual formal, na educação pela mídia e pela pornografia, na representatividade da lésbica na pornografia, nas expectativas e objetivos do consumo, no que a pornografia ensina e o que poderia ensinar.

4.1. A educação sexual em casa e na escola: o que se ensina em contexto formal sobre vivências não normativas?

Os resultados da pesquisa demonstram que a quase totalidade das entrevistadas não acredita ter recebido uma boa educação sexual, tanto dos pais quanto da escola. Uma delas, inclusive, não teve qualquer tipo de educação sexual para além da que considera ter obtido na internet. Este fato pode contribuir para a falta de informação e invisibilização das identidades LGBT e, a um nível mais profundo, favorecer a estigmatização na esfera social, pois as informações difundidas no senso comum sobre a comunidade LGBT é de que se tratam de pessoas promíscuas (Poole & Milligan, 2018), indecisas ou que ainda não encontraram “o homem certo”, e que o sexo praticado entre mulheres é inferior ao heterossexual (Toledo, 2008). Para além disso, a escassez de meios para compreender a própria sexualidade pode conduzir a uma experiência de inadequação e solidão, e muitas das

entrevistadas não tiveram durante muito tempo alguém com quem dividir os prazeres e angústias de se entenderem lésbicas ou bissexuais/pansexuais.

A educação sexual que seis delas receberam na escola foi principalmente voltada à reprodução (ou, mais especificamente, à prevenção da gravidez) e proteção contra IST. Tais conteúdos são importantes e devem ser ensinados nas escolas, mas é preciso que se questione se não oferecem conhecimentos limitados e baseados em moralismos. A educação sexual está quase exclusivamente focada no que não se deve fazer ou ser e nos aspectos biológicos da sexualidade, e não ensina sobre o que se pode querer fazer ou o que oferece prazer (Oosterhoff et al., 2017). Além do mais, e quando a gravidez não é provável (ou possível) e o preservativo masculino não é útil? Conforme aponta Kubicek et al. (2010), a saúde sexual de pessoas LGBT é comumente omitida da educação sexual formal nas escolas e a população recebe menos informações referentes a como praticar sexo seguro, já que a educação é voltada para a prevenção de IST e da gravidez entre pessoas heterossexuais.

Os pais não foram referidos em nenhuma entrevista como facilitadores de acesso a conteúdos que não eram especificamente de relações entre um homem e uma mulher, atuando algumas vezes inclusive como limitadores deste acesso, e questiona-se se eles mesmos tiveram acesso a uma educação em que pudessem ver este assunto com naturalidade, mas também ter conhecimento a respeito. Os limitadores da educação sexual parental estão relacionados a constrangimento, falta de conhecimento dos pais, valores morais, dificuldade de iniciar o assunto e medo de que falar sobre sexo encoraje a prática sexual (Kubicek et al., 2010).

Já os irmãos, em alguns casos, tiveram este papel, diferentemente dos amigos. Na verdade, os grupos de amigos tendem a estigmatizar os pares que parecem ignorantes a respeito do sexo, o que favorece a vergonha de que se fale a respeito do assunto (Litsou et al., 2021), e mesmo que os amigos possam compartilhar abertamente informações sobre sexo heterossexual, é desconfortável e potencialmente estigmatizante se assumir LGBT e perguntar sobre práticas não normativas a amigos heterossexuais (Kubicek et al., 2010). Este fato dificultou ainda mais o acesso de algumas entrevistadas a informações de sexualidade, por medo de se exporem e serem julgadas por sua orientação sexual (receio de que amigas as tratassem diferente) ou pela falta de conhecimento no assunto (não ter iniciado a vida sexual ainda). Mesmo os pares que não foram hostis se mostraram incapazes de oferecer suporte devido ao desconhecimento da experiência não-heterossexual.

4.2. Que educação sexual está disponível para lésbicas e bissexuais?

As fontes alternativas de informação sobre educação sexual vêm se mostrando cada vez mais importantes para os jovens, e incluem a mídia, os pares, os parceiros, a pornografia e a internet (Kubicek et al., 2010). As produções midiáticas atuais se preocupam cada vez mais com a inserção de pessoas e relacionamentos entre casais do mesmo gênero e os filmes românticos lésbicos, além de adicionar minorias às telas, oferecem a oportunidade de repensar as pressuposições de gênero e sexualidade, normalizam a existência lésbica e desafiam a ideologia hegemônica de como uma garota deveria se apaixonar, se tornar sexualmente ativa e crescer (Shary & Seibel, 2007). Por outro lado, além de ainda serem escassas as produções na época da adolescência das entrevistadas, estes conteúdos raramente representavam vivências lésbicas saudáveis, girando em torno de não aceitação, amores difíceis ou impossíveis, e até repercutindo certos estereótipos “do que é ser lésbica”, como é o caso da série *The L Word*⁵.

As identificações com filmes e séries aparecem em poucas entrevistas, tendo sido mais comum que as entrevistadas referissem acesso a informações através da internet, tais como sites, blogs e *chats*, muitas vezes os únicos locais em que poderiam encontrar informações sobre educação sexual. Achados semelhantes foram reportados por Kubicek et al. (2010), em que sua amostra de homens gays em geral usava a internet como primeira opção para encontrar informações sobre sexualidade, as quais muitas vezes os conduziram à pornografia e ao reconhecimento do seu interesse em homens, já que não havia outro lugar onde aprender a respeito. Um dos entrevistados deste estudo não teve acesso à internet na adolescência e com isso afirma não ter tido nenhum contato com a comunidade e cultura gay na época, que estava fora do seu alcance (Kubicek et al., 2010), de modo parecido com o reportado pela entrevistada 5, que somente foi ter acesso a informações que a ajudaram a entender que não estava só muito mais tarde, por meio da pornografia impressa.

Assim como acessar a internet, procurar por pornografia faz parte da vida da maior parte dos adolescentes (Scarcelli, 2015). Na verdade, ainda que muito se fale a respeito da proibição legal para que menores de idade consumam pornografia, a pesquisa de Rothman et al. (2015) indica que os jovens vêm consumindo pornografia mesmo na escola, em que há restrições para acesso a determinados conteúdos, que podem ser desativados pelos

⁵ A série de televisão, estreada em 2004, foi uma das primeiras a retratar o mundo lésbico, e atingiu imenso sucesso. De certa forma, foi um canal para jovens compreenderem suas orientações sexuais, mas a série não oferecia personagens muito verossímeis, já que elas possuíam poder aquisitivo e padrões de corpo/beleza estereotipados, assim como comportamentos que abriam margem para ver o mundo lésbico como tóxico e superficial, se não heteronormativo.

estudantes com conhecimento em informática em favor de consumirem pornografia com seus pares. A pornografia é uma chave de informações sobre sexualidade que possui inegável efeito na vida sexual das pessoas e atinge maior público: em 2016, uma pesquisa com a palavra “porn” (pornô) oferecia 1,8 bilhões de resultados, enquanto a palavra-chave “sex education” (educação sexual) oferecia 13,5 milhões (Oosterhoff et al., 2017). Isto parece indicar o maior alcance que tem a pornografia, que poderia ser utilizado em favor da produção de conteúdos de educação sexual através deste meio.

A pornografia permite o acesso e o consumo da sexualidade para além do que é marcadamente a cisheteronorma, muitas vezes indisponível em outros meios, e uma das entrevistadas referiu, inclusive, que o seu consumo de pornografia lésbica estava ligado à possibilidade de se ver representada e normalizar a experiência do sexo entre mulheres, que não estava disponível na televisão. Conforme aponta Mckee (2007), a pornografia pode proporcionar em alguns casos um senso de identidade e comunidade que ajuda as pessoas a se sentirem menos sós. Além do mais, embora a produção de conteúdos *queer* diversos venha crescendo na última década, ainda é preciso que os filmes em geral integrem os jovens de modo a representar suas vidas sociais de uma maneira holística, e não a partir de uma visão de exclusão e de diferença (Shary & Seibel, 2007), o que proporcionaria uma normalização das diversas orientações sexuais e identidades de gênero, e ofereceria uma visão mais ampla para os jovens se identificarem.

Embora a pornografia tenha sido uma das primeiras fontes de educação sexual, em geral as entrevistadas não acreditam que tenha sido benéfica pelo risco que existe de se criar expectativas irreais sobre prática sexual. Entretanto, conforme foi retratado por Farris et al. (2020), quando se pode distinguir a interação real da fantasia da pornografia, é muito menos provável que se criem expectativas irreais sobre o material consumido. Afinal, se a pornografia é uma fantasia em que alguns vão acreditar ou não, pode-se dizer o mesmo de filmes e livros que retratam fantasias diferentes, e que provavelmente não são produzidos com a intenção de enganar ninguém. Por outro lado, como pouco se explica a respeito da pornografia, principalmente para adolescentes, é compreensível que não tenham segurança do que podem acreditar ou não quando se trata destes conteúdos.

A questão principal, conforme aponta Albury (2014), não é tanto quais práticas os jovens conhecem através da pornografia, mas se eles possuem outras fontes de educação sexual que os ajudem a acessar conhecimentos éticos e seguros que promovam possibilidades de escolha. É importante neste caso que haja pelo menos uma boa fonte de informação que ofereça educação sexual e encoraje uma comunicação aberta (Litsou et al.,

2021). Em suma, quanto mais conhecimento possuírem, melhor saberão inclusive filtrar os materiais pornográficos consumidos. Ainda, quanto menos aprendem na escola e na família, ou se as informações são limitadas, inadequadas ou indisponíveis, mais procuram por estas informações na pornografia (Kubicek et al., 2010; Litsou et al., 2021). Isso é perceptível na trajetória da entrevistada 5, cujo primeiro – e durante muito tempo único – local de acesso à educação sexual foi a pornografia, onde ela teve a primeira oportunidade de compreender sua sexualidade, mas que parou de ser uma fonte de informação à partir do momento em que ela teve acesso a outros meios, principalmente uma pessoa em específico que lhe ensinou muito a respeito do assunto e que, em suas palavras, “foi a partir daí que eu comecei a evoluir, para ser sincera”.

4.3. Quem é a lésbica que é retratada na pornografia?

Quando se trata de pornografia lésbica criada por e para homens, as atrizes obedecem a um padrão normativo de beleza e, embora algumas das entrevistadas tenham referido se encaixar ou ver suas parceiras representadas parcialmente por ela, não é e nem deveria ser a única referência de mulheres lésbicas e bissexuais. Na verdade, a pornografia lésbica em geral retrata a mulher *femme* (com traços “femininos”), mas raramente a *butch* (mais “masculina”), o que pode estar relacionado com o que excita ou não os homens (Morrison & Tallack, 2005). Isso fez com que seis das oito entrevistadas não tenham encontrado na pornografia mulheres que se assemelhavam a elas e às pessoas com quem se relacionaram, ou até mesmo encontrado na pornografia práticas sexuais que vieram a ser interessantes para a vida sexual delas.

Assim, a atriz retratada na pornografia pode muito bem ser lida socialmente como heterossexual, e em diversos casos é. E um tipo específico de mulher: cisgênero, branca, magra, com grandes peitos e bunda (Ramos, 2015), e sem qualquer deficiência física ou neuroatipicidade, o que contribui para a formação do imagético do que pode ou não ser desejado. Além disso, a ausência (ou presença) de pessoas com deficiência na pornografia pode contribuir para o preconceito do senso comum de que quem possui deficiência não faz sexo e que, se o faz, é incapaz de ter uma relação sexual satisfatória, ou, no caminho oposto, que são pessoas hiperssexualizadas e não têm controle de seus impulsos, pois não estão dentro do espectro do que a sociedade considera *normal* (Maia & Ribeiro, 2010).

Ainda que tenha sido de consenso geral que a pornografia mostra predominantemente corpos que respondem a um padrão normativo, é de se observar que é

possível encontrar categorias diversas, e esta foi a maneira como a entrevistada 5 teve seu primeiro acesso à população transgênero e encontrou uma porta de entrada para um universo que antes ela não acreditava ser possível existir. Paralelamente, grande parte das participantes de Kubicek et al. (2010) afirmou ter sido através da pornografia que tiveram seu primeiro contato com o mundo LGBT. Por outro lado, durante muito tempo corpos transgêneros foram fetichizados pela pornografia *mainstream*, já que ocupavam espaços de narrativas exclusivamente heterossexuais, nos quais eram compreendidos como grotescos (Santiago, 2013). A questão é que, uma vez que estes corpos são apresentados e representados, eles permitem que o olhar sobre a sexualidade extrapole a cisheteronormatividade e possibilite um reconhecimento de outras maneiras de estar no mundo, ainda que esta pornografia não ensine nada a respeito de hormonização e do Processo Transexualizador.

4.4. Expectativas derivadas da pornografia e os objetivos de consumi-la

A pornografia é hoje um material consumido em larga escala, mas com muitas lacunas na literatura a respeito do seu consumo por mulheres, principalmente no que diz respeito à busca por prazer, cuja omissão é acompanhada de diversos estigmas que podem tornar esta experiência invisibilizada (Meehan, 2021). O objetivo inicial do consumo relatado pelas entrevistadas está relacionado com curiosidade e/ou busca de prazer, mas 75% delas declararam ter tido também outros objetivos e expectativas derivadas deste consumo, ainda que não fosse necessariamente claro para elas naquele momento que isto seria uma forma de buscar educação sexual na pornografia.

Retomando os achados de Morrison e Tallack (2005), pode haver uma tendência na pornografia lésbica de mostrar um sexo menos explícito e mais íntimo. As mulheres entrevistadas por Meehan (2021) relataram que a decisão de consumir ou não um conteúdo depende de elas poderem se imaginar em cena e que o material passe a sensação de ser autêntico, o que neste caso as levou à pornografia lésbica, já que esta lhes parece mais passional, e as atrizes passam a imagem de estarem gostando do que fazem. Ainda que haja uma longa variabilidade de pornografia lésbica e que, portanto, a intimidade das atrizes pode variar muito, quer seja verdadeira ou ensaiada, isto parece ter tido um impacto na entrevistada 1, que passou a imaginar que, se um dia se envolvesse sexualmente com mulheres, seria mais íntimo do que com homens.

Duas das entrevistadas afirmaram terem alimentado a ideia de que era comum ter um orgasmo durante a prática sexual, algo que é mostrado de forma exagerada na pornografia, na opinião delas. A pornografia, buscando atender às fantasias do consumidor, performa prazeres que não são reais, mas cuja intenção é que assim pareçam, afinal mostra um sexo que também é idealizado, tal como talvez as pessoas gostariam que o sexo fosse, uma expressão máxima de prazer. Como a pornografia opera no princípio da máxima visibilidade, ela necessita de um orgasmo visível que demonstre o prazer como uma “confissão involuntária”, que tende a ser apreciada pelos consumidores como símbolo de autenticidade (Frith, 2015), o ápice do “sexo bem feito” (Meehan, 2021), neste caso tomado como uma verdade pelas entrevistadas.

O que a pornografia não mostra são as experiências sexuais que dão errado, que não resultam em prazer ou orgasmo, mas também os prazeres que não são necessariamente visíveis, tendo favorecido com que as entrevistadas acreditassem que este prazer viria mais fácil, e também porque a prática da masturbação oferece um prazer que advém do conhecimento que cada uma possui sobre o seu corpo, que pode ser maior do que no sexo com outra pessoa. Na pornografia, a trivialização do prazer feminino é comum, com o foco na penetração anal e vaginal que passa a imagem da mulher como passiva (Meehan, 2021). Para além da pornografia, Frith (2015) pontua que, não tendo o orgasmo feminino um símbolo definitivo de clímax, por volta de 50% das mulheres fingem tê-lo, demarcando sons e expressões faciais que têm a obrigação de serem exagerados na cultura patriarcal.

A percepção da pornografia *mainstream* como falsa, somada ao receio de consumir conteúdos que poderiam objetificar mulheres, fez uma das entrevistadas buscar a pornografia amadora para consumo, já que esta tende a mostrar pessoas comuns e com corpos não estereotipadamente bonitos ou sexys, fazendo um sexo “real” para além do setting, presumivelmente por prazer e de maneira ética (Frith, 2015), o que ajudou a entrevistada a se aproximar de conteúdos que fossem excitantes e instrutivos em relação a práticas sexuais.

A performance do prazer vai ainda além do orgasmo, e pode-se observar que duas entrevistadas se sentiram inseguras diante da maneira como as práticas eram retratadas, pois parecia-lhes que o sexo realmente prazeroso dependia de se ter muita habilidade e estar sempre pronta, tanto no sentido de excitação quanto de sedução. Isso vem de encontro com a pesquisa desenvolvida por Farris et al. (2020), em que parte de sua amostra experimentou um sentimento de inadequação quanto à performance após o consumo de pornografia. Por outro lado, Litsou et al. (2021) aponta que os atores pornô muitas vezes performam coisas que não são confortáveis na vida real. Ao analisarem um material de pornografia lésbica

para homens, as mulheres entrevistadas por Morrison e Tallack (2005) acreditam ser improvável que se possa sentir prazer ao tentar reproduzir alguma daquelas performances, muitas vezes sem estimulação clitoriana, e que ainda assim as atrizes chegaram a um orgasmo rápido e “fácil”. Por outro lado, enquanto estas mulheres já possuíam experiência para distinguir o que é real do que não é, o mesmo pode não acontecer quando não se tem referência de educação nem de prática sexual, favorecendo a insegurança e frustração sentidas pelas duas entrevistadas. A pornografia, ao retratar performances exageradas e sexos de longa duração, favorece expectativas irrealistas sobre prática sexual, prazer e corpos (Litsou et al., 2021; Mckee, 2007).

Por outro lado, outras pesquisas indicam que o consumo de pornografia pode estar relacionado com a redução da ansiedade na primeira relação sexual à medida em que se compreende melhor os desejos do outro e se sente mais preparado para a prática (Litsou et al., 2021; Scarcelli, 2015). Na pesquisa desenvolvida por Mckee (2007), mais da metade da amostra acredita que o consumo de pornografia trouxe um efeito positivo em suas vidas sexuais, como se sentirem menos reprimidas, mais confortáveis, com a cabeça mais “aberta”, e que desta prática aprenderam informações básicas sobre como corpos funcionam, técnicas e ideias. Isso também demonstra como as percepções são plurais a respeito do risco e benefício do consumo de pornografia, pois algumas das entrevistadas afirmaram que, embora o material não as tenha preparado em alguns aspectos, as ensinou a respeito de posições sexuais, e a compreender melhor suas orientações sexuais, o que também foi confirmado em pesquisas com outras populações (Kubicek et al., 2010; Litsou et al., 2021).

4.5. O que o pornô está ensinando?

Pensar no consumo de pornografia, principalmente por mulheres, é também ter em consideração os discursos políticos que a acompanham, tais como o discurso anti-pornografia, que abomina sua produção e consumo. Consumir pornografia tem feito algumas mulheres inclusive questionarem seu posicionamento anti-pornografia, mas ainda assim é comum sentirem que este conhecimento prejudica a experiência (Ciclitira, 2004), fazendo com que sintam falta de ética ao aproveitar estes materiais (Frith, 2015) que, embora supostamente degradantes, ainda as deixa excitadas ou vagamente envolvidas (Meehan, 2021). Isso pode ser elucidado pela fala de uma das entrevistadas da pesquisa de Ciclitira (2004), que afirma que parte dela quer explorar e desejar o que assiste, mas outra está

consciente que talvez as atrizes não o fazem por livre vontade, e que estas duas coisas entram em conflito constante.

Esta experiência de conflito por serem feministas e assistirem pornografia também favorece sentimentos de culpa, desconforto e contradição entre crenças, sentimentos e ações (Ciclitira, 2004). Estes sentimentos podem ser percebidos em algumas entrevistas, notadamente a culpa que a entrevistada 8 sentia por consumir um conteúdo que objetifica mulheres, e a insegurança sentida por duas entrevistadas ao aprofundarem seus conhecimentos acerca do feminismo, que as fez questionar a qualidade do conteúdo consumido anteriormente, e o que este pode tê-las ensinado.

Os jovens, em geral, se sentem motivados a procurar na pornografia representações de genitais, práticas sexuais, posições e técnicas sexuais, papéis de gênero, instruções de como iniciar sua vida sexual e como se masturbar, como performar certos tipos de sexo que não são descritos ou representados na educação sexual escolar, enfim, compreender como o sexo “funciona” (Albury, 2014; Kubicek et al., 2010; Litsou et al., 2021; Rothman et al., 2015). Na pesquisa de Rothman et al. (2015), por exemplo, quase todos os participantes alegaram ter aprendido como transar por meio da pornografia através da imitação do que veem nas telas, o que vem ao encontro da fala de algumas entrevistadas desta pesquisa.

É possível perceber a pornografia como a primeira referência sobre o que é o sexo, sexualidade e posições sexuais para algumas entrevistadas, o que ofereceu, na opinião de uma delas, uma noção visual da prática que não se pode ter em outros lugares, até mesmo porque foi frequente nas entrevistas a constatação de que a pornografia foi a única referência que existia sobre sexualidade durante muito tempo. Ainda assim, em geral, acreditam que a compreensão que tiveram sobre o sexo não foi realmente educativa, tendo em vista o que a pornografia representa, e o que ela está retratando. Por outro lado, é importante se ter em consideração que, mesmo que a pornografia possa educar sexualmente, sua produção tem a intenção primária de gerar prazer e envolvimento com o conteúdo (Oosterhoff et al., 2017).

4.6. O que o pornô pode oferecer?

Ainda que algumas pesquisas indiquem que a pornografia pode ser usada como material de educação sexual, não há um consenso sobre o que ela ensina nem como isso pode ser utilizado, já que pessoas consumidoras de pornografia podem ser separadas em diversos subgrupos com necessidades diferentes, seja em relação a orientação sexual ou idade, gênero, cultura, política e religiões diferentes (Albury, 2014). Além do mais, para empregar

a pornografia na educação, é preciso que se olhe a educação sexual para além da reprodução e prevenção, e se tenha em mente que é preciso educar os jovens a respeito de sexo, sexualidade e seus corpos para que eles tenham informações para tomar decisões sobre seus relacionamentos e comportamentos sexuais (Oosterhoff et al., 2017). Esta maneira de se olhar para a educação sexual é globalmente importante, e pode ser ainda mais necessária para populações que, em vista de um preconceito social, encontram-se marginalizadas e esquecidas, porque ainda não há produção midiática suficiente que normalize a existência LGBT.

A questão deve ser pensar como usar a pornografia como um canal de acesso a informações de sexo seguro, empoderamento, melhora da autoestima e imagem corporal e para desafiar normas de gênero (Oosterhoff et al., 2017), para que ela funcione como um canal de educação e não de fomentação de expectativas irreais, que é a razão pela qual algumas das entrevistadas se mostram céticas quanto a seu uso para além da masturbação. Com o aumento da produção de pornografias *queer*, feministas e pós-pornográficas, vê-se um aumento no número de filmes adultos produzidos por mulheres e pessoas *queer*, o que favorece o aparecimento e normalização de corpos e práticas dissidentes, tais como reivindicam as entrevistadas que seria necessário que a pornografia abordasse em vista de educar sexualmente.

Comumente, a pornografia *mainstream* não oferece informações de saúde sexual, uso de preservativos e prevenção contra IST (Litsou et al., 2021), tópicos que algumas entrevistadas acreditam ser importantes e que poderiam tornar a pornografia educativa se inseridos em cena. Um achado interessante na pesquisa de Schrimshaw, Antebi-Gruszka e Downing (2016) é que, embora o consumo de pornografia em que camisinhas não eram utilizadas estivessem conduzindo a um menor uso delas no sexo entre a amostra de homens que fazem sexo com homens, o oposto também era verdadeiro, pois pornografia com uso de preservativos promovia práticas seguras nesta população, o que indica a importância da produção de tais conteúdos.

A pornografia, ainda que não represente a realidade, muitas vezes é a única fonte em que os jovens poderão ver sexo sendo feito por pessoas reais (Oosterhoff et al., 2017), o que é, na justificativa de algumas entrevistadas, uma das razões pela qual ele precisa ser pensado como um material realista de educação sexual, principalmente no caso de pessoas LGBT e/ou residentes em países com maior censura em relação à sexualidade, para que estes materiais tenham impacto positivo no desenvolvimento da sexualidade dos jovens.

Conforme aponta Oosterhoff et al. (2017), o fato de a maior parte das pesquisas falarem a respeito dos prejuízos do consumo de pornografia não indica que a pornografia por si só é prejudicial, já que há pouca pesquisa científica disponível que avalie o contrário e muito julgamento moral em torno do assunto. Na verdade, os achados desta pesquisa levam a resultados mistos em relação à educação sexual das entrevistadas com a pornografia, com aspectos positivos e negativos citados, e que provavelmente poderiam ser mais positivos se o acesso a pornografias educativas e/ou *queer* fosse de acesso tão fácil quanto a pornografia *mainstream*.

5. Conclusão

A pornografia costuma mobilizar muitas opiniões, tanto a nível acadêmico quanto no senso comum. Se formos a extremos, então afirmaremos que a pornografia tem o potencial de destruir a nossa sociedade e promover violências, ou então, por outro lado, favorecer a libertação sexual e a superação de repressões e estigmas. Mas talvez seja mais realista dizer que a pornografia não é estritamente nem uma nem outra coisa, mas sim produto e produtor de saberes/poderes. Sem nenhuma novidade, o pornô é mais um dos temas que despertou uma explosão discursiva principalmente a partir do final do século XX, com muitas divergências de opiniões a respeito de seus possíveis malefícios ou benefícios. Provavelmente a conclusão mais correta transita no meio do caminho entre ambas as coisas, pois há tantas formas de olhar para o fenômeno quanto há pluralidade de formas de se produzir pornografia.

As pesquisas encontradas trazem dados extremamente relevantes para se pensar na pornografia para além dos já bem documentados “danos” causados. No entanto, destaca-se que nenhuma delas retrata a realidade brasileira - da qual boa parte da amostra faz parte - e mesmo a única pesquisa portuguesa encontrada foi conduzida com mulheres heterossexuais. Assim, é de se considerar que esta falta de informações científicas com a população do estudo possa conduzir a conclusões que ainda precisam ser mais refinadas e testadas empiricamente, pois trata-se de generalizar dados de uma população para outra. Assim, este estudo também teve por objetivo explorar a realidade de mulheres brasileiras e portuguesas que fazem sexo com mulheres e trazer à literatura, mesmo que de maneira exploratória, os primeiros contornos das semelhanças e diferenças em relação a outros países.

Uma diferença importante é que, ainda que nem todas as mulheres falantes da língua inglesa tenham acesso a informações de educação sexual e que algumas mulheres brasileiras e portuguesas falem inglês, o acesso a diversos sites e blogs, tais como o *The Pleasure Project*, tende a ser mais restrito na população deste estudo, mesmo se tratando de jovens nascidas depois dos anos 2000, em que já havia mais informações sobre educação sexual e sobre a população LGBT. Outro fator que pode influenciar diferenças nos resultados desta e das outras pesquisas é que este estudo apresenta um delineamento ex-post-facto longitudinal, o que implica pensar que as entrevistadas falaram a respeito de suas experiências antes e depois de terem uma vida sexual ativa com outra mulher. Nos artigos encontrados, as amostras em geral já haviam iniciado sua vida sexual (em muitos casos com um parceiro do

gênero oposto), ou, se não haviam, não há registros comparativos de um antes e de um depois.

Além disso, não parece haver na literatura registros comprovados cientificamente de que mulheres LGBT que não consomem pornografia tenham melhores primeiras experiências sexuais do que as que consomem, o que pode tanto estar relacionado com a falta de incentivo em pesquisas neste sentido quanto pelo fato de que a multiplicidade de experiências dificulte uma compreensão do que de fato é causalidade ou mera coincidência. Estudos futuros poderiam explorar esta questão, e destaca-se a necessidade de que sejam conduzidos mais estudos com a população LGBT em diversos países, o que pode endossar os dados existentes, principalmente tendo em vista a produção de pesquisas pró-sexo, aparentemente ainda escassas na literatura. Pode-se citar como limitações deste estudo o seu caráter exploratório e o fato de ter sido conduzido com uma amostra pequena que poderá não ter permitido a saturação dos dados. Destaca-se também que as entrevistadas com cidadania portuguesa também são brasileiras e viveram pelo menos uma parte da vida no Brasil, de modo que a condução de um estudo com portuguesas será indicado para apreensão dos dados nesta população.

Referências

- Albury, K. (2014). Porn and sex education, porn as sex education. *Porn Studies*, 1(1–2), 172–181. <https://doi.org/10.1080/23268743.2013.863654>
- Attwood, F. (2005). What do people do with porn? Qualitative research into the consumption, use, and experience of pornography and other sexually explicit media. *Sexuality and Culture*, 9(2), 65–86. <https://doi.org/10.1007/s12119-005-1008-7>
- Baltar, M. (2018). Corpos, pornificações e prazeres partilhados. *Revista de La Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, 18, 564–588.
- Baltar, M., & Sarmet, É. (2015). *La fulminante: deboche, exceso e gênero no pós-pornô da América Latina*. 17(30), 109–124.
- Baumel, C. P. C., Silva, P. de O. M. da, Guerra, V. M., Garcia, A., & Trindade, Z. A. (2019). Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. *Psico-USF*, 24(1), 131–144. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Ciclitira, K. (2004). Pornography, Women and Feminism: Between Pleasure and Politics. *Sexualities*, 7(3), 281–301. <https://doi.org/10.1177/1363460704040143>
- da Silva, B. (2020). *OLHAR DESVIANTE: OS CINEMAS PORNÔS E O DESENVOLVIMENTO DA PÓS-PORNOGRAFIA COMO LINGUAGEM ALTERNATIVA* (XIII Encontro Estadual de História; “História e Mídias: Narrativas Em Disputas”).
- Farris, D. N., Compton, D. R., & Herrera, A. P. (2020). Gender, Sexuality and Race in the Digital Age. In D. N. Farris, D. R. Compton, & A. P. Herrera (Eds.), *Gender, Sexuality and Race in the Digital Age* (Issue January). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-29855-5>
- Forestiere, A. (2020). Girl-on-Girl Action : How the Anti- Pornography Movement Ignores the Unique Violence Queer Women Experience as a Result of “ Lesbian Porn .” *LGBTQ POLICY JOURNAL*, June, 0–35.
- Freitas, S. L. de, & Leites, B. B. P. (2016). Da pornografia à pós-pornografia: práticas contrassexuais no audiovisual. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação*. [https://doi.org/10.1590/191Frith, H. \(2015\). Visualising the ‘real’ and the ‘fake’: emotion work and the representation of orgasm in pornography and everyday sexual interactions. *Journal of Gender Studies*, 24\(4\), 386–398. <https://doi.org/10.1080/09589236.2014.950556>](https://doi.org/10.1590/191Frith, H. (2015). Visualising the ‘real’ and the ‘fake’: emotion work and the representation of orgasm in pornography and everyday sexual interactions. Journal of Gender Studies, 24(4), 386–398. https://doi.org/10.1080/09589236.2014.950556)
- Gaspar, M. J., & Carvalheira, A. (2012). The Consumption of Pornography on the Internet in a Sample of Portuguese Women. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 163–171. <https://doi.org/10.5964/pch.v1i2.27>
- Gleason, N., & Sprankle, E. (2019). The Effects of Pornography on Gay, Bisexual, and Queer Men’s Body Image: An Experimental Study. *Psychology & Sexuality*, 10(4), 301–315. <https://doi.org/10.1080/19419899.2019.1637924>
- Koller, V. (2015). The subversive potential of queer pornography. *Journal of Language and Sexuality*, 4(2), 254–271. <https://doi.org/10.1075/jls.4.2.04kol>
- Kubicek, K., Beyer, W. J., Weiss, G., Iverson, E., & Kipke, M. D. (2010). In the Dark: Young Men’s Stories of Sexual Initiation in the Absence of Relevant Sexual Health Information. *Health Education & Behavior*, 37(2), 243–263. <https://doi.org/10.1177/1090198109339993>
- Lima, B. de M., Oliveira, A. N. M. de, & Rocha, A. S. da. (2017). A EROTIZAÇÃO DA MULHER LÉSBICA: A MÍDIA ONLINE COMO PRODUTORA DE REALIDADES. *V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*.

- <https://doi.org/2238-9008>
- Litsou, K., Byron, P., McKee, A., & Ingham, R. (2021). Learning from pornography: results of a mixed methods systematic review. *Sex Education, 21*(2), 236–252. <https://doi.org/10.1080/14681811.2020.1786362>
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial, 16*(2), 159–176. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000200002>
- McKee, A. (2007). The positive and negative effects of pornography as attributed by consumers. *Australian Journal of Communication, 34*(1), 87–104.
- McNair, B. (2014). Rethinking the effects paradigm in porn studies. *Porn Studies, 1*(1–2), 161–171. <https://doi.org/10.1080/23268743.2013.870306>
- Meehan, C. (2021). ‘Lesbian porn. Anything girl on girl’: young women’s understandings of their engagement with lesbian porn. *Porn Studies, 8*(1), 21–38. <https://doi.org/10.1080/23268743.2020.1756389>
- Mesquita, M. C., & Pinto, M. D. R. (2021). “Elas (não) só pensam naquilo!”: A ressignificação do sexo e os interdiscursos promovidos pelo consumo de pornografia por mulheres. *Cadernos de Gênero e Diversidade, 6*(3), 8. <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i3.33881>
- Morrison, T. G., & Tallack, D. (2005). Lesbian and bisexual women’s interpretations of lesbian and ersatz lesbian pornography. *Sexuality and Culture, 9*(2), 3–30. <https://doi.org/10.1007/s12119-005-1005-x>
- Oosterhoff, P., Müller, C., & Shephard, K. (2017). Introduction: Sex Education in the Digital Era. *IDS Bulletin, 48*(1), 1–6. <https://doi.org/10.19088/1968-2017.102>
- Paasonen, S. (2006). Email from Nancy Nutsucker: Representation and gendered address in online pornography. *European Journal of Cultural Studies, 9*(4), 403–420. <https://doi.org/10.1177/1367549406069065>
- Poole, J., & Milligan, R. (2018). Netsexuality: The Impact of Internet Pornography on Gay Male Sexual Expression and Identity. *Sexuality and Culture, 22*(4), 1189–1204. <https://doi.org/10.1007/s12119-018-9521-7>
- Ramos, M. E. (2015). *Pornografia, resistência e feminismos - estratégias políticas feministas de produções audiovisuais pornográficas*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Rothman, E. F., Kaczmarzsky, C., Burke, N., Jansen, E., & Baughman, A. (2015). “Without Porn ... I Wouldn’t Know Half the Things I Know Now”: A Qualitative Study of Pornography Use Among a Sample of Urban, Low-Income, Black and Hispanic Youth. *The Journal of Sex Research, 52*(7), 736–746. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.960908>
- Ryberg, I. (2012). Imagining Safe Space: The Politics of Queer, Feminist and Lesbian Pornography. In *Acta Universitatis Stockholmiensis*.
- Santiago, H. (2013). Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. *O Corpo Transgênero : Desconforto , Adequação E Subversão Do Sexo Através Do Queer Porn, 10*, 1–10.
- Scarcelli, C. M. (2015). ‘It is disgusting, but...’: Adolescent girls’ relationship to internet pornography as gender performance. *Porn Studies, 2*(2–3), 237–249. <https://doi.org/10.1080/23268743.2015.1051914>
- Schrimshaw, E. W., Antebi-Gruszka, N., & Downing, M. J. (2016). Viewing of Internet-Based Sexually Explicit Media as a Risk Factor for Condomless Anal Sex among Men Who Have Sex with Men in Four U.S. Cities. *PLOS ONE, 11*(4), e0154439. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0154439>
- Senn, C. Y. (1993). Women’S Multiple Perspectives and Experiences With Pornography.

Psychology of Women Quarterly, 17(3), 319–341. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1993.tb00490.x>

Shary, T., & Seibel, A. (2007). *Youth culture in global cinema*.

Stadler, J. P. (2018). The Queer Heart of Porn Studies. *JCMS: Journal of Cinema and Media Studies*, 58(1), 170–175. <https://doi.org/10.1353/cj.2018.0079>

Toledo, L. G. (2008). *ESTIGMAS E ESTEREÓTIPOS SOBRE AS LESBIANIDADES E SUAS INFLUÊNCIAS NAS NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE LÉSBICAS RESIDENTES EM UMA CIDADE DO INTERIOR PAULISTA*.

Webber, V. (2013). Shades of gay: Performance of girl-on-girl pornography and mobile authenticities. *Sexualities*, 16(1–2), 217–235.

<https://doi.org/10.1177/1363460712471119>

Apêndice A

Guião de entrevista

Dados Sociodemográficos

- Qual a sua idade?
- Qual a sua orientação sexual?
- Qual sua Identidade de Gênero?
- Qual o seu nível de escolaridade?
- Qual sua nacionalidade?

Questões sobre pornografia

- Você se lembra de ter visto pornografia antes da primeira relação sexual com outra mulher?
- Qual foi o tipo/categoria de pornografia? Alguma se destacou?
- Com que objetivo(s) você assistiu a estes conteúdos na época?
- Lembra-se de, alguma vez, ter assistido a pornografia com o objetivo de compreender melhor a prática de relações sexuais com outras mulheres, ou algum outro aspeto da sexualidade? Se respondeu que sim, pode especificar ou dar algum exemplo?
- Se sim, isso lhe gerou alguma expectativa sobre como seria sua primeira experiência sexual com uma mulher? Pode contar-me como é que você imaginou que seria essa primeira experiência?
- Esta expectativa esteve próxima à realidade?
- Considera que a pornografia consumida naquela altura apresentava diversidade de características em relação às personagens envolvidas, tais como raça, etnia, expressão de género, tipo de corpo ou outras? Pode dar exemplos?
- Pensando no seu caso e das pessoas com quem você se relacionou, você acha que a pornografia costuma aproximar-se ou afastar-se das experiências que você teve na sua vida sexual? Gostaria que você levasse em consideração a performance sexual e padrões estéticos

Questões sobre educação sexual

- Você recebeu algum tipo de educação sexual na escola e/ou em casa? (especifique)

- Se sim, ela abrangeu sua orientação sexual, ou foi-lhe ensinado somente um modelo heterossexual? Conte um pouco a respeito desta educação sexual recebida (conselhos, educação formal, etc).
- Você se lembra de ter tido dúvidas a respeito da sua orientação sexual? Se sim, conte um pouco quais eram seus principais questionamentos sobre sua sexualidade.
- Você sentiu nesta época que havia um espaço seguro em que você pudesse tirar suas dúvidas sobre sua sexualidade, de um modo geral? Se sim, as pessoas que lhe ajudaram estavam preparadas do ponto de vista técnico para isso?
- Você acredita que tenha procurado a pornografia como uma maneira de responder às perguntas que tinha sobre sua sexualidade e prática sexual?
- Você acha que a pornografia pode ter como função educar mulheres jovens e adultas para suas práticas sexuais com outras parceiras?
- Se você pensa que a pornografia não educa sexualmente, como ela poderia fazê-lo? Que espécies de conteúdos poderiam ser retirados ou inseridos em cena?

Tem algo que eu não tenha perguntado aqui e que você gostaria de acrescentar sobre o tema?